

**FIGURAS**

<b>FIGURA</b>	<b>PÁG.</b>
<b>Figura Il.2.1-1</b> - Área do Campo de Tartaruga Verde e área de extensão do ring fence (área da União).	5/227
<b>Figura Il.2.1-2</b> - Produção média diária de petróleo e gás natural do empreendimento e da Petrobras em relação à produção nacional em 2015 (valores médios até o mês de agosto de 2015).	12/227
<b>Figura Il.2.1-3</b> - Cronograma do Projeto de Desenvolvimento da Produção do Campo de Tartaruga Verde.	13/227
<b>Figura Il.2.4-1</b> - Figura ilustrativa do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	22/227
<b>Figura Il.2.4-2</b> - Figura ilustrativa do riser balcony do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	30/227
<b>Figura Il.2.4-3</b> - Distribuição dos módulos no convés do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	32/227
<b>Figura Il.2.4-4</b> - Diagrama esquemático simplificado do processo de separação e tratamento de óleo, gás e água produzida no FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	35/227
<b>Figura Il.2.4-5</b> - Representação esquemática do princípio de funcionamento de um hidrociclone.	38/227
<b>Figura Il.2.4-6</b> - Skid padrão de injeção química.	44/227
<b>Figura Il.2.4-7</b> - Esquemático da Unidade Remoção de Sulfato (URS) do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes em operação normal.	50/227
<b>Figura Il.2.4-8</b> - Esquemático da Unidade Remoção de Sulfato (URS) do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes durante a limpeza das membranas.	52/227
<b>Figura Il.2.4-9</b> - Diagrama esquemático do sistema de captação e tratamento de água do mar e os principais sistemas atendidos.	57/227
<b>Figura Il.2.4-10</b> - Fluxograma esquemático do Sistema de Tocha (Flare).	60/227
<b>Figura Il.2.4-11</b> - Configuração do sistema de ancoragem (Spread Mooring) do FPSO Cidade de Campos de Goytacazes.	68/227
<b>Figura Il.2.4-12</b> - Estaca do tipo torpedo a ser utilizada na ancoragem.	69/227
<b>Figura Il.2.4-13</b> - Esquema do sistema de conexão dos risers ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	71/227
<b>Figura Il.2.4-14</b> - Fluxograma de tratamento de água produzida do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	92/227

<b>Figura II.2.4-15</b> - Fluxograma simplificado do sistema de drenagem do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	96/227
<b>Figura II.2.4-16</b> - Curva prevista de produção de óleo ao longo de 20 anos de desenvolvimento do Campo de Tartaruga Verde.	101/227
<b>Figura II.2.4-17</b> - Curva prevista de produção de gás ao longo de 20 anos de desenvolvimento do Campo de Tartaruga Verde.	102/227
<b>Figura II.2.4-18</b> - Curva prevista de produção de água ao longo de 20 anos de desenvolvimento do Campo de Tartaruga Verde.	103/227
<b>Figura II.2.4-19</b> - Curva prevista de injeção de água ao longo de 20 anos de desenvolvimento do Campos de Tartaruga Verde.	105/227
<b>Figura II.2.4-20</b> - Estrutura de uma Linha Flexível.	108/227
<b>Figura II.2.4-21</b> - Foto representativa de um umbilical flexível.	111/227
<b>Figura II.2.4-22</b> - Configuração Catenária Livre.	114/227
<b>Figura II.2.4-23</b> - Configuração Lazy-wave.	114/227
<b>Figura II.2.4-24</b> - Desenho representativo de um conjunto ANM / BAP a ser utilizado no projeto.	115/227
<b>Figura II.2.4-25</b> - Configuração típica de poço com ANM instalada.	116/227
<b>Figura II.2.4-26</b> - Layout do sistema de exportação de Gás.	118/227
<b>Figura II.2.4-27</b> - Esquemático do PLEM TVD-01.	120/227
<b>Figura II.2.4-28</b> - Distribuição de bocas do PLEM PU-01 entre P-08 e PCE-1.	121/227
<b>Figura II.2.4-29</b> - Diagrama unifilar do gasoduto de Tartaruga.	122/227
<b>Figura II.2.4-30</b> - Foto das embarcações de suporte Far Scout (esquerda) e Far Senior (direita), que poderão ser utilizadas na instalação da ancoragem do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	125/227
<b>Figura II.2.4-31</b> - Modelo esquemático de uma estaca torpedo pré-lançada e abandonada.	127/227
<b>Figura II.2.4-32</b> - Estaca do tipo torpedo a ser utilizada na ancoragem do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	127/227
<b>Figura II.2.4-33</b> - Modelo esquemático da recuperação da amarra da estaca pré-lançada.	128/227
<b>Figura II.2.4-34</b> - Modelo esquemático da transferência do sistema de ancoragem para o FPSO.	130/227
<b>Figura II.2.4-35</b> - Esquema ilustrativo de sistema de ancoragem de linhas flexíveis.	132/227
<b>Figura II.2.4-36</b> - ROV antes do lançamento e em operação.	133/227
<b>Figura II.2.4-37</b> - Ilustração do procedimento de instalação das linhas juntamente com MCV, utilizando uma embarcação PLSV.	136/227

<b>Figura II.2.4-39</b> - Ilustração de Árvore de Natal Molhada com Módulos de Conexão Vertical instalados.	137/227
<b>Figura II.2.4-40</b> - Representação esquemática do conjunto de risers conectados ao riser balcony após todos os pull-ins.	139/227
<b>Figura II.2.4-41</b> - Layout do sistema de exportação de gás, sendo o sistema a ser instalado delimitado pelo polígono verde.	140/227
<b>Figura II.2.4-42</b> - Esquema ilustrando a instalação do linha flexível, VMB e Jumper.	142/227
<b>Figura II.2.4-43</b> - Esquema do sistema de ancoragem das linhas flexíveis.	145/227
<b>Figura II.2.4-44</b> - Embarcação AHTS – Far Sailor.	150/227
<b>Figura II.2.4-45</b> - Embarcações PLSV – Sapura Diamante (esquerda) e Kommandor (direita).	151/227
<b>Figura II.2.4-46</b> - Embarcação do tipo SESV – Skandi Santos.	152/227
<b>Figura II.2.4-48</b> - Embarcações do tipo RSV – DSND Surveyor.	153/227
<b>Figura II.2.4-49</b> - Esquema dos equipamentos de instalação de arame.	160/227
<b>Figura II.2.4-50</b> - Unidade de arame.	161/227
<b>Figura II.2.4-51</b> - Tipos de ferramenta de arame / cabo elétrico.	161/227
<b>Figura II.2.4-52</b> - Exemplos de ferramentas de perfilagem.	162/227
<b>Figura II.2.4-53</b> - Componentes de coluna que necessitam de utilização de arame: Mandril de gas-lift (esquerda) e Sliding Sleeve (direita).	163/227
<b>Figura II.2.4-54</b> - Esquema de canhoneio a cabo.	164/227
<b>Figura II.2.4-55</b> - Unidade de flexitubo.	165/227
<b>Figura II.2.4-56</b> - Exemplo de composição de flexitubo com ogiva para limpeza.	166/227
<b>Figura II.2.4-57</b> - Unidade de geração de nitrogênio.	166/227
<b>Figura II.2.4-58</b> - Alguns tipos de árvores de natal.	167/227
<b>Figura II.2.4-59</b> - Desenho esquemático da operação de recimentação.	168/227
<b>Figura II.2.4-60</b> - Exemplo de operação de transferência de óleo “in tandem”.	208/227
<b>Figura II.2.4-61</b> - Vista aérea do Terminal Portuário do Rio de Janeiro (Companhia Docas).	216/227
<b>Figura II.2.4-62</b> - Base de Carregamento de Dutos Flexíveis de Niterói.	217/227
<b>Figura II.2.4-63</b> - Localização Porto do Forno.	218/227
<b>Figura II.2.4-64</b> - Terminal Marítimo de Imbetiba.	220/227
<b>Figura II.2.4-65</b> - Base de Carregamento de Dutos Flexíveis de Vitória.	222/227
<b>Figura II.2.4-66</b> - Vista panorâmica da CPVV.	223/227
<b>Figura 5-1</b> - Órgãos integrantes da Gestão Ambiental Pública do Estado do Rio de Janeiro.	56/1490

<b>Figura II.5.1.1-1</b> - Mapa de temperatura média do ar (°C) para o verão (janeiro a março), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	123/227
<b>Figura II.5.1.1-2</b> - Mapa de temperatura média do ar (°C) para o outono (abril a junho), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	123/227
<b>Figura II.5.1.1-3</b> - Mapa de temperatura média do ar (°C) para o inverno (julho a setembro), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	124/227
<b>Figura II.5.1.1-4</b> - Mapa de temperatura média do ar (°C) para a primavera (outubro a dezembro), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	124/227
<b>Figura II.5.1.1-5</b> - Temperatura do ar média, máxima e mínima mensal (°C), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	126/227
<b>Figura II.5.1.1-6</b> - Temperatura do ar média mensal (°C), a partir das normais climatológicas do INMET na estação de Campos no período de 1961 a 1990.	127/227
<b>Figura II.5.1.1-7</b> - Temperatura do ar média, máxima e mínima mensal (°C), a partir de dados medidos na estação INMET de Campos no período de 1992 a 2015.	127/227
<b>Figura II.5.1.1-8</b> - Temperatura do ar média, máxima e mínima mensal (°C), a partir de dados medidos na estação METAR de Campos (SBCP) no período de 2007 a 2015.	128/227
<b>Figura II.5.1.1-9</b> - Temperatura do ar média, máxima e mínima mensal (°C), a partir de dados medidos na estação METAR de Macaé (SBME) no período de 2008 a 2015.	128/227
<b>Figura II.5.1.1-10</b> - Mapa de precipitação acumulada mensal média (mm) para o verão (janeiro a março), a partir de dados do GPCP no período de 1979 a 2010.	129/227
<b>Figura II.5.1.1-11</b> - Mapa de precipitação acumulada mensal média (mm) para o outono (abril a junho), a partir de dados do GPCP no período de 1979 a 2010.	130/227
<b>Figura II.5.1.1-12</b> - Mapa de precipitação acumulada mensal média (mm) para o inverno (julho a setembro), a partir de dados do GPCP no período de 1979 a 2010.	130/227
<b>Figura II.5.1.1-13</b> - Mapa de precipitação acumulada mensal média (mm) para a primavera (outubro a dezembro), a partir de dados do GPCP no período de 1979 a 2010.	131/227

<b>Figura II.5.1.1-14</b> - Precipitação acumulada média mensal (mm) e desvio-padrão, a partir de dados do GPCP no período de 1979 a 2010.	132/227
<b>Figura II.5.1.1-15</b> - Precipitação acumulada média mensal (mm), a partir de dados das normais climatológicas do INMET na estação de Campos no período de 1961 a 1990.	133/227
<b>Figura II.5.1.1-16</b> - Precipitação acumulada média mensal (mm) e desvio-padrão, a partir de dados medidos na estação INMET de Campos no período de 1992 a 2015.	133/227
<b>Figura II.5.1.1-17</b> - Evaporação média (mm), a partir dos dados das normais climatológicas da estação INMET de Campos no período de 1961 a 1990.	134/227
<b>Figura II.5.1.1-18</b> - Evaporação média, máxima e mínima mensal (mm), a partir de dados medidos na estação INMET de Campos no período de 1992 a 2015.	135/227
<b>Figura II.5.1.1-19</b> - Mapa de umidade relativa do ar média (%) para o verão (janeiro a março), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	136/227
<b>Figura II.5.1.1-20</b> - Mapa de umidade relativa do ar média (%) para o outono (abril a junho), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	137/227
<b>Figura II.5.1.1-21</b> - Mapa de umidade relativa do ar média (%) para o inverno (julho a setembro), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	137/227
<b>Figura II.5.1.1-22</b> - Mapa de umidade relativa do ar média (%) para a primavera (outubro a dezembro), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	138/227
<b>Figura II.5.1.1-23</b> - Umidade relativa do ar média, máxima e mínima mensal (%), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	140/227
<b>Figura II.5.1.1-24</b> - Umidade relativa do ar média mensal (%), a partir de dados das normais climatológicas do INMET no período de 1961 a 1990.	140/227
<b>Figura II.5.1.1-25</b> - Umidade relativa do ar média, máxima e mínima mensal (%), a partir de dados medidos na estação INMET de Campos no período de 1992 a 2015.	141/227
<b>Figura II.5.1.1-26</b> - Umidade relativa do ar média, máxima e mínima mensal (%), a partir de dados medidos na estação METAR de Campos (SBCP) no período de 2007 a 2015.	141/227
<b>Figura II.5.1.1-27</b> - Umidade relativa do ar média, máxima e mínima mensal (%), a partir de dados medidos na estação INMET de Macaé (SBME) no período de 2008 a 2015.	142/227

<b>Figura II.5.1.1-28</b> - Insolação média mensal (horas), a partir de dados das normais climatológicas da estação de Campos do INMET no período de 1961 a 1990.	143/227
<b>Figura II.5.1.1-29</b> - Insolação média, máxima e mínima mensal (horas), a partir de dados medidos na estação INMET de Campos no período de 1992 a 2015.	143/227
<b>Figura II.5.1.1-30</b> - Mapa de pressão atmosférica média (hPa) para o verão (janeiro a março), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	145/227
<b>Figura II.5.1.1-31</b> - Mapa de pressão atmosférica média (hPa) para o outono (abril a junho), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	145/227
<b>Figura II.5.1.1-32</b> - Mapa de pressão atmosférica média (hPa) para o inverno (julho a setembro), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	146/227
<b>Figura II.5.1.1-33</b> - Mapa de pressão atmosférica média (hPa) para a primavera (outubro a dezembro), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	146/227
<b>Figura II.5.1.1-34</b> - Pressão atmosférica média, máxima e mínima mensal (hPa), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	148/227
<b>Figura II.5.1.1-35</b> - Pressão atmosférica média (hPa), a partir das normais climatológicas do INMET no período de 1961 a 1990.	148/227
<b>Figura II.5.1.1-36</b> - Pressão atmosférica média, máxima e mínima mensal (hPa), a partir de dados medidos na estação INMET de Campos no período de 1992 a 2015.	149/227
<b>Figura II.5.1.1-37</b> - Pressão atmosférica média, máxima e mínima mensal (hPa), a partir de dados medidos na estação METAR de Campos (SBCP) no período de 2007 a 2015.	149/227
<b>Figura II.5.1.1-38</b> - Pressão atmosférica média, máxima e mínima mensal (hPa), a partir de dados medidos na estação INMET de Macaé (SBME) no período de 2008 a 2015.	150/227
<b>Figura II.5.1.1-39</b> - Mapa de direção (vetores) e intensidade média do vento a 10 m (m/s) para o verão (janeiro a março), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	152/227
<b>Figura II.5.1.1-40</b> - Mapa de direção (vetores) e intensidade média do vento a 10 m (m/s) para o outono (abril a junho), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	152/227

<b>Figura II.5.1.1-41</b> - Mapa de direção (vetores) e intensidade média do vento a 10 m (m/s) para o inverno (julho a setembro), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	153/227
<b>Figura II.5.1.1-42</b> - Mapa de direção (vetores) e intensidade média do vento a 10 m (m/s) para a primavera (outubro a dezembro), a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	153/227
<b>Figura II.5.1.1-43</b> - Médias mensais de velocidade média e direção predominante do vento obtidas das normais climatológicas da estação INMET de Campos.	155/227
<b>Figura II.5.1.1-44</b> - Histogramas direcionais sazonais do vento a 10 m, a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2010.	156/227
<b>Figura II.5.1.1-45</b> - Histogramas direcionais sazonais do vento, a partir de dados da estação METAR de Campos (SBCP) no período de 2007 a 2015.	157/227
<b>Figura II.5.1.1-46</b> - Histogramas direcionais sazonais do vento, a partir de dados da estação METAR de Macaé (SBME) no período de 2008 a 2015.	158/227
<b>Figura II.5.1.1-47</b> - Boxplot da intensidade mensal do vento a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no período de 1979 a 2015.	166/227
<b>Figura II.5.1.1-48</b> - Boxplot da intensidade mensal do vento a partir de dados da estação METAR de Campos (SBCP) no período de 2007 a 2015.	167/227
<b>Figura II.5.1.1-49</b> - Boxplot da intensidade mensal do vento a partir de dados da estação METAR de Macaé (SBME) no período de 2008 a 2015.	167/227
<b>Figura II.5.1.1-50</b> - Stickplot do vento diário, a partir de dados da reanálise CFSR/NCEP no ano de 2005.	168/227
<b>Figura II.5.1.1-51</b> - Histograma direcional dos eventos extremos de intensidade dos ventos selecionados pelo primeiro critério, obtidos a partir dos dados da reanálise CFSR/NCEP no ponto sobre o FPSO Cidade de Campos de Goytacazes, no período de 1979 a 2010.	170/227
<b>Figura II.5.1.1-52</b> - Histograma direcional dos eventos extremos de intensidade dos ventos selecionados pelo segundo critério, obtidos a partir dos dados da reanálise CFSR/NCEP no ponto sobre o FPSO Cidade de Campos de Goytacazes, no período de 1979 a 2010.	171/227
<b>Figura II.5.1.2-1</b> - Representação esquemática para o Hemisfério Norte do comportamento da termoclina sazonal nos períodos de inverno (janeiro a março) e nos meses de verão (julho e agosto) em razão da profundidade da camada de mistura, de acordo com Pickard & Emery (1990).	180/227
<b>Figura II.5.1.2-2</b> - Síntese do escoamento do sistema de correntes de contorno oeste ao longo da margem continental brasileira, de acordo com os padrões esquemáticos de larga escala de Stramma e England (1999) e Boebel et. al (1999). Adaptado de Soutelino (2008).	183/227

<b>Figura II.5.1.2-3</b> - Mapa de TSM média para o verão (janeiro a março), obtido a partir de dados do NODC.	185/227
<b>Figura II.5.1.2-4</b> - Mapa de TSM média para o outono (abril a junho), obtido a partir de dados do NODC.	185/227
<b>Figura II.5.1.2-5</b> - Mapa de TSM média para o inverno (julho a setembro), obtido a partir de dados do NODC.	186/227
<b>Figura II.5.1.2-6</b> - Mapa de TSM média para o primavera (outubro a dezembro), obtido a partir de dados do NODC.	186/227
<b>Figura II.5.1.2-7</b> - Mapa da temperatura média em 300 m de profundidade para o verão (janeiro a março), obtido a partir de dados do NODC.	187/227
<b>Figura II.5.1.2-8</b> - Mapa de temperatura média em 300 m de profundidade para o outono (abril a junho), obtido a partir de dados do NODC.	187/227
<b>Figura II.5.1.2-9</b> - Mapa de temperatura média em 300 m de profundidade para o inverno (julho a setembro), obtido a partir de dados do NODC.	188/227
<b>Figura II.5.1.2-10</b> - Mapa de temperatura média em 300 m de profundidade para a primavera (outubro a dezembro), obtido a partir de dados do NODC.	188/227
<b>Figura II.5.1.2-11</b> - Mapa da temperatura média próximo ao fundo (1000 m) para o verão (janeiro a março), obtido a partir de dados do NODC.	189/227
<b>Figura II.5.1.2-12</b> - Mapa de temperatura média próximo ao fundo (1000 m) para o outono (abril a junho), obtido a partir de dados do NODC.	189/227
<b>Figura II.5.1.2-13</b> - Mapa de temperatura média próximo ao fundo (1000 m) para o inverno (julho a setembro), obtido a partir de dados do NODC.	190/227
<b>Figura II.5.1.2-14</b> - Mapa de temperatura média próximo ao fundo (1000 m) para a primavera (outubro a dezembro), obtido a partir de dados do NODC.	190/227
<b>Figura II.5.1.2-15</b> - Mapa de SSM média para o verão (janeiro a março), obtido a partir de dados do NODC.	191/227
<b>Figura II.5.1.2-16</b> - Mapa de SSM média para o outono (abril a junho), obtido a partir de dados do NODC.	192/227
<b>Figura II.5.1.2-17</b> - Mapa de SSM média para o inverno (julho a setembro), obtido a partir de dados do NODC.	192/227
<b>Figura II.5.1.2-18</b> - Mapa de SSM média para o primavera (outubro a dezembro), obtido a partir de dados do NODC.	193/227
<b>Figura II.5.1.2-19</b> - Mapa de salinidade média em 300 m de profundidade para o verão (janeiro a março), obtido a partir de dados do NODC.	193/227

<b>Figura II.5.1.2-20</b> - Mapa de salinidade média em 300 m de profundidade para o outono (abril a junho), obtido a partir de dados do NODC.	194/227
<b>Figura II.5.1.2-21</b> - Mapa de salinidade média em 300 m de profundidade para o inverno (julho a setembro), obtido a partir de dados do NODC.	194/227
<b>Figura II.5.1.2-22</b> - Mapa de salinidade média em 300 m de profundidade para o primavera (outubro a dezembro), obtido a partir de dados do NODC.	195/227
<b>Figura II.5.1.2-23</b> - Mapa de salinidade média próximo ao fundo (1000 m) para o verão (janeiro a março), obtido a partir de dados do NODC.	195/227
<b>Figura II.5.1.2-24</b> - Mapa de salinidade média próximo ao fundo (1000 m) para o outono (abril a junho), obtido a partir de dados do NODC.	196/227
<b>Figura II.5.1.2-25</b> - Mapa de salinidade média próximo ao fundo (1000 m) para o inverno (julho a setembro), obtido a partir de dados do NODC.	196/227
<b>Figura II.5.1.2-26</b> - Mapa da salinidade média próximo ao fundo (1000 m) para o primavera (outubro a dezembro), obtido a partir de dados do NODC.	197/227
<b>Figura II.5.1.2-27</b> - Mapa de densidade superficial média para o verão (janeiro a março), calculado a partir de dados do NODC.	198/227
<b>Figura II.5.1.2-28</b> - Mapa de densidade superficial média para o outono (abril a junho), calculado a partir de dados do NODC.	199/227
<b>Figura II.5.1.2-29</b> - Mapa de densidade superficial média para o inverno (julho a setembro), calculado a partir de dados do NODC.	199/227
<b>Figura II.5.1.2-30</b> - Mapa de densidade superficial média para a primavera (outubro a dezembro), calculado a partir de dados do NODC.	200/227
<b>Figura II.5.1.2-31</b> - Mapa de densidade média em 300 m de profundidade para o verão (janeiro a março), calculado a partir de dados do NODC.	200/227
<b>Figura II.5.1.2-32</b> - Mapa de densidade média em 300 m de profundidade para o outono (abril a junho), calculado a partir de dados do NODC.	201/227
<b>Figura II.5.1.2-33</b> - Mapa de densidade média em 300 m de profundidade para o inverno (julho a setembro), calculado a partir de dados do NODC.	201/227
<b>Figura II.5.1.2-34</b> - Mapa de densidade média em 300 m de profundidade para a primavera (outubro a dezembro), calculado a partir de dados do NODC.	202/1490
<b>Figura II.5.1.2-35</b> - Mapa de densidade média próximo ao fundo (m) para o verão (janeiro a março), calculado a partir de dados do NODC.	202/1490
<b>Figura II.5.1.2-36</b> - Mapas de densidade média próximo ao fundo (m) para o outono (abril a junho), calculado a partir de dados do NODC.	203/1490
<b>Figura II.5.1.2-37</b> - Mapa de densidade média próximo ao fundo (m) para o inverno (julho a setembro), calculado a partir de dados do NODC.	203/1490

<b>Figura II.5.1.2-38</b> - Mapa de densidade média próximo ao fundo (m) para a primavera (outubro a dezembro), calculado a partir de dados do NODC.	204/1490
<b>Figura II.5.1.2-39</b> - Seção vertical de temperatura, com contornos de salinidade (PSU) sobrepostos. Valores médios para o verão (janeiro a março) obtidos a partir de dados do NODC. O triângulo preto indica a localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	205/1490
<b>Figura II.5.1.2-40</b> - Seção vertical de temperatura, com contornos de salinidade (PSU) sobrepostos. Valores médios para o outono (abril a junho) obtidos a partir de dados do NODC. O triângulo preto indica a localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	206/1490
<b>Figura II.5.1.2-41</b> - Seção vertical de temperatura, com contornos de salinidade (PSU) sobrepostos. Valores médios para o inverno (julho a setembro) obtidos a partir de dados do NODC. O triângulo preto indica a localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	207/1490
<b>Figura II.5.1.2-42</b> - Seção vertical de temperatura, com contornos de salinidade (PSU) sobrepostos. Valores médios para a primavera (outubro a dezembro) obtidos a partir de dados do NODC. O triângulo preto indica a localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	208/1490
<b>Figura II.5.1.2-43</b> - Seção vertical de densidade em $\sigma_T$ ( $\text{kg/m}^3$ ). Valores médios para o verão (janeiro a março) obtidos a partir dos dados do NODC. O triângulo preto indica a localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes e as linhas indicam os núcleos das massas d'água.	209/1490
<b>Figura II.5.1.2-44</b> - Seção vertical de densidade em $\sigma_T$ ( $\text{kg/m}^3$ ). Valores médios para o outono (abril a junho) obtidos a partir dos dados do NODC. O triângulo preto indica a localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes e as linhas indicam os núcleos das massas d'água.	210/1490
<b>Figura II.5.1.2-45</b> - Seção vertical de densidade em $\sigma_T$ ( $\text{kg/m}^3$ ). Valores médios para o inverno (julho a setembro) obtidos a partir dos dados do NODC. O triângulo preto indica a localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes e as linhas indicam os núcleos das massas d'água.	211/1490
<b>Figura II.5.1.2-46</b> - Seção vertical de densidade em $\sigma_T$ ( $\text{kg/m}^3$ ). Valores médios para a primavera (outubro a dezembro) obtidos a partir dos dados do NODC. O triângulo preto indica a localização da FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes e as linhas indicam os núcleos das massas d'água.	212/1490
<b>Figura II.5.1.2-47</b> - Perfis verticais de temperatura, salinidade e $\sigma_T$ obtidos do NODC para o verão (janeiro a março) no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	213/1490

<b>Figura II.5.1.2-48</b> - Perfis verticais de temperatura, salinidade e $\sigma_T$ Cidade de Campos dos Goytacazes.	214/1490
<b>Figura II.5.1.2-49</b> - Perfis verticais de temperatura, salinidade e $\sigma_T$ obtidos do NODC para o inverno (julho a setembro) no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	214/1490
<b>Figura II.5.1.2-50</b> - Perfis verticais de temperatura, salinidade e $\sigma_T$ obtidos do NODC para a primavera (outubro a dezembro) no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	215/1490
<b>Figura II.5.1.2-51</b> - Diagrama T-S espalhado obtido do conjunto de dados do NODC para o verão (janeiro a março) no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	216/1490
<b>Figura II.5.1.2-52</b> - Diagrama T-S espalhado obtido do conjunto de dados do NODC para o outono (abril a junho) no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	217/1490
<b>Figura II.5.1.2-53</b> - Diagrama T-S espalhado obtido do conjunto de dados do NODC para o inverno (julho a setembro) no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	218/1490
<b>Figura II.5.1.2-54</b> - Diagrama T-S espalhado obtido do conjunto de dados da NODC para a primavera (outubro a dezembro) no ponto da FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	219/1490
<b>Figura II.5.1.2-55</b> - Mapas da temperatura superficial média sazonal para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) do ano de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	221/1490
<b>Figura II.5.1.2-56</b> - Mapas da temperatura média sazonal em 300 m de profundidade para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) do ano de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	222/1490
<b>Figura II.5.1.2-57</b> - Mapas da temperatura média sazonal em 600 m de profundidade para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) do ano de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	223/1490
<b>Figura II.5.1.2-58</b> - Mapas da salinidade média sazonal em superfície para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) do ano de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	224/1490

<b>Figura II.5.1.2-59</b> - Mapas da salinidade média sazonal em 300 m de profundidade para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) do ano de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	225/1490
<b>Figura II.5.1.2-60</b> - Mapas da salinidade média sazonal em 600 m de profundidade para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) do ano de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	226/1490
<b>Figura II.5.1.2-61</b> - Mapas da densidade média sazonal em superfície para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) do ano de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	227/1490
<b>Figura II.5.1.2-62</b> - Mapas de densidade média sazonal em 300 m de profundidade para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	228/1490
<b>Figura II.5.1.2-63</b> - Mapas de densidade média sazonal em 600 m de profundidade para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro) do ano de 2005, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO.	229/1490
<b>Figura II.5.1.2-64</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 1 (superior, 22,98°S 42,05°W) e 2 (inferior, 22,97°S 42,05°W) do Cruzeiro 1. Registro feito no dia 18 de julho de 2001.	232/1490
<b>Figura II.5.1.2-65</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 3 (superior, 23,00°S 42,23°W) e 4 (inferior, 23,00°S 42,41°W) do Cruzeiro 1. Registro feito no dia 18 de julho de 2001.	233/1490
<b>Figura II.5.1.2-66</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 5 (superior, 23,00°S 42,58°W) e 6 (inferior, 23,05°S 42,75°W) do Cruzeiro 1. Registro feito no dia 18 de julho de 2001.	234/1490
<b>Figura II.5.1.2-67</b> - Seção de temperatura para a radial oceanográfica do Cruzeiro 1.	235/1490
<b>Figura II.5.1.2-68</b> - Seção de salinidade para a radial oceanográfica do Cruzeiro 1.	235/1490
<b>Figura II.5.1.2-69</b> - Seção de densidade potencial para a radial oceanográfica do Cruzeiro 1.	236/1490

<b>Figura II.5.1.2-70</b> - Diagrama TS para as estações oceanográficas 1 (superior, 22,98°S 42,05°W) e 2 (inferior, 22,97°S 42,05°W) do Cruzeiro 1. Registro feito no dia 18 de julho de 2001.	237/1490
<b>Figura II.5.1.2-71</b> - Diagrama TS para as estações oceanográficas 3 (superior, 23,00°S 42,23°W) e 4 (inferior, 23,00°S 42,41°W), do Cruzeiro 1. Registro feito no dia 18 de julho de 2001.	238/1490
<b>Figura II.5.1.2-72</b> - Diagrama TS para as estações oceanográficas 5 (superior, 23,00°S 42,58°W) e 6 (inferior, 23,05°S 42,75°W) do Cruzeiro 1. Registro feito no dia 18 de julho de 2001.	239/1490
<b>Figura II.5.1.2-73</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 1 (superior, 23,00°S 42,82°W), 2 (inferior, 23,31°S 42,70°W) do Cruzeiro 2. Registro feito em janeiro de 2002.	242/1490
<b>Figura II.5.1.2-74</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 3 (superior, 23,62°S 42,56°W) e 4 (inferior, 23,92°S 42,43°W) do Cruzeiro 2. Registro feito em janeiro de 2002.	243/1490
<b>Figura II.5.1.2-75</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 5 (24,23°S 42,33°W) do Cruzeiro 2. Registro feito em janeiro de 2002.	244/1490
<b>Figura II.5.1.2-76</b> - Seção de temperatura para a radial oceanográfica do Cruzeiro 2.	245/1490
<b>Figura II.5.1.2-77</b> - Seção de salinidade para a radial oceanográfica do Cruzeiro 2.	246/1490
<b>Figura II.5.1.2-78</b> - Seção de densidade potencial para a radial oceanográfica do Cruzeiro 2.	247/1490
<b>Figura II.5.1.2-79</b> - Diagrama TS para as estações oceanográficas 1 (superior, 23,00°S 42,82°W) e 2 (inferior, 23,31°S 42,70°W) do Cruzeiro 2. Registro feito em janeiro de 2002.	248/1490
<b>Figura II.5.1.2-80</b> - Diagrama TS para as estações oceanográficas 3 (superior 23,62°S 42,56°W) e 4 (inferior, 23,92°S 4,43°W) do Cruzeiro 2. Registro feito em janeiro de 2002.	249/1490
<b>Figura II.5.1.2-81</b> - Diagrama TS para as estações 5 (24,23°S 42,33°W) do Cruzeiro 2. Registro feito em janeiro de 2002.	250/1490
<b>Figura II.5.1.2-80</b> - Diagrama TS para as estações oceanográficas 3 (superior 23,62°S 42,56°W) e 4 (inferior, 23,92°S 4,43°W) do Cruzeiro 2. Registro feito em janeiro de 2002.	249/1490
<b>Figura II.5.1.2-81</b> - Diagrama TS para as estações 5 (24,23°S 42,33°W) do Cruzeiro 2. Registro feito em janeiro de 2002.	250/1490

<b>Figura II.5.1.2-82</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 1 (superior, 23,39°S 42,66°W) e 3 (inferior, 23,73°S 42,51°W) do Cruzeiro 3. Registro feito em setembro de 2003.	252/1490
<b>Figura II.5.1.2-83</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 5 (superior, 23,97°S 42,42°W) e 7 (inferior, 24,18°S 42,33°W), do Cruzeiro 3. Registro feito em setembro de 2003.	253/1490
<b>Figura II.5.1.2-84</b> - Perfil vertical dos dados de temperatura (azul, °C), salinidade (vermelho) e densidade potencial (preto, g/l) para as estações oceanográficas 9 (superior, 24,43°S 42,23°W) e 11 (inferior, 24,65°S 42,13°W) do Cruzeiro 3. Registro feito em setembro de 2003.	254/1490
<b>Figura II.5.1.2-85</b> - Seção de Temperatura para a radial oceanográfica do Cruzeiro 3.	255/1490
<b>Figura II.5.1.2-86</b> - Seção de salinidade para a radial oceanográfica do Cruzeiro 3.	256/1490
<b>Figura II.5.1.2-87</b> - Seção de densidade potencial para a radial oceanográfica do Cruzeiro 3.	257/1490
<b>Figura II.5.1.2-90</b> - Diagrama TS para as estações 9 (superior, 24,43°S 42,23°W) e 11 (inferior, 24,65°S 42,13°W) do Cruzeiro 3. Registro feito em setembro de 2003.	260/1490
<b>Figura II.5.1.2-91</b> - Climatologia de temperatura (°C) em partes da Plataforma Continental Sudeste e da Plataforma Continental da Bacia de Campos: (a) verão, superfície; (b) inverno, superfície; (c) verão, fundo; (d) inverno, fundo. Isotermas desenhadas com intervalo de 1°C. Isóbatas de 50, 100, 200, 500 e 1000 m são mostradas em linhas tracejadas. Adaptadas de Amor (2004 apud PETROBRAS, 2013).	262/1490
<b>Figura II.5.1.2-92</b> - Climatologia de salinidade em partes da Plataforma Continental Sudeste e da Plataforma Continental da Bacia de Campos: (a) verão, superfície; (b) inverno, superfície; (c) verão, fundo; (d) inverno, fundo. Isohalinas desenhadas com intervalo de 0,2. Isóbatas de 50, 100, 200, 500 e 1000 m são mostradas em linhas tracejadas. Adaptadas de Amor (2004; apud PETROBRAS, 2013).	263/1490
<b>Figura II.5.1.2-93</b> - Distribuição vertical de temperatura (°C) em radial situada em frente a Cabo Frio, durante cruzeiro de verão do projeto PCR-BC/Habitats (PETROBRAS, 2013), pelágico, realizada em março de 2009. A distância a partir da costa é representada no eixo x em km. Os triângulos mostrados na parte superior de ambos painéis indicam a posição das estações hidrográficas realizadas.	265/1490

<p><b>Figura II.5.1.2-94</b> - Distribuição vertical de temperatura (°C) em radial situada no extremo norte da Bacia de Campos, durante cruzeiro de verão do projeto PCR-BC/Habitats (PETROBRAS,2013), pelágico, realizada em março de 2009. A distância a partir da costa é representada no eixo x em km. Os triângulos mostrados na parte superior de ambos painéis indicam a posição das estações hidrográficas realizadas.</p>	266/1490
<p><b>Figura II.5.1.2-95</b> - Distribuição vertical de salinidade em radial situada em frente a Cabo Frio, durante cruzeiro de verão do projeto PCR-BC/Habitats, pelágico, realizada em março de 2009. A distância a partir da costa é representada no eixo x em km. Os triângulos mostrados na parte superior de ambos painéis indicam a posição das estações hidrográficas realizadas.</p>	267/1490
<p><b>Figura II.5.1.2-96</b> - Distribuição vertical de salinidade em radial situada no extremo norte da Bacia de Campos, durante cruzeiro de verão do projeto PCR-BC/Habitats, pelágico, realizada em março de 2009. A distância a partir da costa é representada no eixo x em km. Os triângulos mostrados na parte superior de ambos painéis indicam a posição das estações hidrográficas realizadas.</p>	268/1490
<p><b>Figura II.5.1.2-97</b> - Distribuição vertical de temperatura (°C) em radial situada em frente a Cabo Frio, durante cruzeiro de inverno do projeto PCR-BC/Habitats, pelágico, realizada em setembro de 2009. A distância a partir da costa é representada no eixo x em km. Os triângulos mostrados na parte superior de ambos painéis indicam a posição das estações hidrográficas realizadas.</p>	269/1490
<p><b>Figura II.5.1.2-98</b> - Distribuição vertical de temperatura (°C) em radial situada no extremo norte da Bacia de Campos, durante cruzeiro de inverno do projeto PCR-BC/Habitats, pelágico, realizada em setembro de 2009. A distância a partir da costa é representada no eixo x em km. Os triângulos mostrados na parte superior de ambos painéis indicam a posição das estações hidrográficas realizadas.</p>	270/1490
<p><b>Figura II.5.1.2-99</b> - Distribuição vertical de salinidade em radial situada em frente a Cabo Frio, durante cruzeiro de inverno do projeto PCR-BC/Habitats, pelágico, realizada em setembro de 2009. A distância a partir da costa é representada no eixo x em km. Os triângulos mostrados na parte superior de ambos painéis indicam a posição das estações hidrográficas realizadas.</p>	271/1490
<p><b>Figura II.5.1.2-100</b> - Distribuição vertical de salinidade em radial situada no extremo norte da Bacia de Campos, durante cruzeiro de inverno do projeto PCR-BC/Habitats, pelágico, realizada em setembro de 2009. A distância a partir da costa é representada no eixo x em km. Os triângulos mostrados na parte superior de ambos painéis indicam a posição das estações hidrográficas realizadas.</p>	272/1490

<b>Figura II.5.1.2-101</b> - Representação da circulação no Oceano Atlântico Sul, indicando as seguintes correntes oceânicas: Corrente Circumpolar (CC), Corrente do Atlântico Sul (CAS), Corrente de Benguela (BE), Corrente de Angola (CA), Corrente Sul Equatorial (CSE), Corrente do Brasil (CB) e Corrente das Malvinas (CM).	273/1490
<b>Figura II.5.1.2-102</b> - Representação da população de derivadores mantidos pelo programa da NOAA, ao todo 1.267 derivadores.	276/1490
<b>Figura II.5.1.2-103</b> - Média da circulação próximo à superfície para o verão (janeiro a março), obtida por derivadores (LUMPKIN & GARRAFFO, 2005).	277/1490
<b>Figura II.5.1.2-104</b> - Média da circulação próximo à superfície para o outono (abril a junho), obtida por derivadores (LUMPKIN & GARRAFFO, 2005).	277/1490
<b>Figura II.5.1.2-105</b> - Média da circulação próximo à superfície para o inverno (julho a setembro), obtida por derivadores (LUMPKIN & GARRAFFO, 2005).	278/1490
<b>Figura II.5.1.2-106</b> - Média da circulação próximo à superfície para a primavera (outubro a dezembro), obtida por derivadores (LUMPKIN & GARRAFFO, 2005).	278/1490
<b>Figura II.5.1.2-107</b> - Média da circulação próxima à superfície para o verão (janeiro a março) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	280/1490
<b>Figura II.5.1.2-108</b> - Média da circulação próxima à superfície para o outono (abril a junho) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	281/1490
<b>Figura II.5.1.2-109</b> - Média da circulação próxima à superfície para o inverno (julho a setembro) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	282/1490
<b>Figura II.5.1.2-110</b> - Média da circulação próxima à superfície para a primavera (outubro a dezembro), a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	283/1490
<b>Figura II.5.1.2-111</b> - Média da circulação em 300 m de profundidade para o verão (janeiro a março) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	284/1490
<b>Figura II.5.1.2-112</b> - Média da circulação em 300 m de profundidade para o outono (abril a junho) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	285/1490
<b>Figura II.5.1.2-113</b> - Média da circulação em 300 m de profundidade para o inverno (julho a setembro) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	286/1490

<b>Figura II.5.1.2-114</b> - Média da circulação em 300 m de profundidade para a primavera (outubro a dezembro) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	287/1490
<b>Figura II.5.1.2-115</b> - Média da circulação em 1000 m de profundidade para o verão (janeiro a março) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	288/1490
<b>Figura II.5.1.2-116</b> - Média da circulação em 1000 m de profundidade para o outono (abril a junho) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	289/1490
<b>Figura II.5.1.2-117</b> - Média da circulação em 1000 m de profundidade para o inverno (julho a setembro) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	290/1490
<b>Figura II.5.1.2-118</b> - Média da circulação em 1000 m de profundidade para a primavera (outubro a dezembro) a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	291/1490
<b>Figura II.5.1.2-119</b> - Seção zonal média de velocidade em 23°S para o verão (janeiro a março), outono (abril a junho), inverno (julho a setembro) e primavera (outubro a dezembro), a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO. Período de 2004 a 2007.	293/1490
<b>Figura II.5.1.2-120</b> - Stickplot do perfil vertical de correntes do modelo HYCOM da base REMO nas profundidades de 0 m, 150 m, 400 m e 600 m, no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	294/1490
<b>Figura II.5.1.2-121</b> - Boxplot do perfil vertical de velocidade de correntes do modelo HYCOM da base REMO entre as profundidades de 0 e 700 m, no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	295/1490
<b>Figura II.5.1.2-122</b> - Perfis verticais sazonais das componentes da velocidade meridional (v, superior) e zonal (u, inferior), a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	296/1490
<b>Figura II.5.1.2-123</b> - Histograma direcional da corrente superficial para o verão, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	298/1490
<b>Figura II.5.1.2-124</b> - Histograma direcional da corrente superficial para o outono, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	299/1490

<b>Figura II.5.1.2-125</b> - Histograma direcional da corrente superficial para o inverno, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	300/1490
<b>Figura II.5.1.2-126</b> - Histograma direcional sazonal da corrente superficial para a primavera, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	301/1490
<b>Figura II.5.1.2-127</b> - Histograma direcional da corrente em 300 m de profundidade para o verão, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	302/1490
<b>Figura II.5.1.2-128</b> - Histograma direcional da corrente em 300 m de profundidade para o outono, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	303/1490
<b>Figura II.5.1.2-129</b> - Histograma direcional da corrente em 300 m de profundidade para o inverno, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	304/1490
<b>Figura II.5.1.2-130</b> - Histogramas direcionais da corrente em 300 m de profundidade para a primavera, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	305/1490
<b>Figura II.5.1.2-131</b> - Histograma direcional da corrente em 600 m de profundidade para o verão, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	306/1490
<b>Figura II.5.1.2-132</b> - Histograma direcional da corrente em 600 m de profundidade para o outono, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	307/1490
<b>Figura II.5.1.2-133</b> - Histograma direcional da corrente em 600 m de profundidade para o inverno, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	308/1490
<b>Figura II.5.1.2-134</b> - Histograma direcional da corrente em 600 m de profundidade para a primavera, a partir de resultados do modelo HYCOM da base REMO, no ponto do FPSO Cidade de Camos dos Goytacazes. Período de 2004 a 2007.	309/1490

<b>Figura II.5.1.2-135</b> - Stick plot da corrente registrada pelo ADCP-Deproas, nas profundidades de 85 m, 245 m, 445 m, 885 m e 965 m, no período de janeiro de 2003 a maio de 2004.	316/1490
<b>Figura II.5.1.2-136</b> - Stick plot da corrente registrada pelo ADCP-Franco, da PETROBRAS, nas profundidades de 45 m, 125 m, 205 m, 285 m e 375 m, no período de junho de 2011 a fevereiro de 2012.	318/1490
<b>Figura II.5.1.2-137</b> - Stick plot da corrente registrada pelo ADCP-SS67, da PETROBRAS, nas profundidades de 46 m, 118 m, 286 m, 430 m e 598 m, no período de dezembro de 2010 a abril de 2011.	320/1490
<b>Figura II.5.1.2-138</b> - Seção do transporte de volume anual médio, calculado a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO na seção referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período 2004 a 2007.	322/1490
<b>Figura II.5.1.2-139</b> - Localização geográfica do Fundeio Marlim na Bacia de Campos, assinalado no mapa pelo círculo vermelho, com onze níveis correntográficos.	324/1490
<b>Figura II.5.1.2-140</b> - Distribuição espacial das quatro plataformas do sistema OCEANOP utilizadas no estudo de PCR-BC/Habitats.	325/1490
<b>Figura II.5.1.2-141</b> - Diagrama vetorial (stick-plot) das séries de velocidade observada por ADCP para o nível de 50 m. A numeração das estações do sistema OCEANOP refere-se a: (1) P-48, (2) FPSO-BR, (3) P-40 e (4) PPG-1. O eixo y denota direção norte-sul e o eixo x a direção leste-oeste.	326/1490
<b>Figura II.5.1.2-142</b> - Localização dos fundeios de correntógrafos P1, P2 e P3 no interior da PCBC.	327/1490
<b>Figura II.5.1.2-143</b> - Histogramas direcionais das características sazonais de verão (superiores) e outono (inferiores) das ondas para o trecho nordeste da costa brasileira. As legendas dos histogramas à esquerda correspondem à altura de onda, em metros. As legendas dos histogramas à direita são referentes ao período de ondas, em segundos. Adaptado de Pianca <i>et al.</i> (2010).	331/1490
<b>Figura II.5.1.2-144</b> - Histogramas direcionais das características sazonais de inverno (superiores) e primavera (inferiores) das ondas para o trecho nordeste da costa brasileira. As legendas dos histogramas à esquerda correspondem à altura de onda, em metros. As legendas dos histogramas à direita são referentes ao período de ondas, em segundos. Adaptado de Pianca <i>et al.</i> (2010).	332/1490
<b>Figura II.5.1.2-145</b> - Altura significativa (m), período de pico (s) e direção de pico (°), obtidos a partir de resultados do modelo WW3, no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes (22°57'12,17"S e 40°43'31,94"W). Período de 2001 a 2010.	333/1490

<b>Figura II.5.1.2-146</b> - Histograma direcional de altura significativa (m) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o verão (janeiro a março), no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	336/1490
<b>Figura II.5.1.2-147</b> - Histograma direcional de altura significativa (m) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o outono (abril a junho) no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	337/1490
<b>Figura II.5.1.2-148</b> - Histograma direcional de altura significativa (m) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o inverno (julho a setembro) no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	338/1490
<b>Figura II.5.1.2-149</b> - Histograma direcional de altura significativa (m) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para a primavera (outubro a dezembro), no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	339/1490
<b>Figura II.5.1.2-150</b> - Histograma direcional de período de pico (s) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o verão (janeiro a março) no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	342/1490
<b>Figura II.5.1.2-151</b> - Histograma direcional de período de pico (s) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o outono (abril a junho), no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	343/1490
<b>Figura II.5.1.2-152</b> - Histograma direcional de período de pico (s) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o inverno (julho a setembro), no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	344/1490
<b>Figura II.5.1.2-153</b> - Histograma direcional de período de pico (s) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para a primavera (outubro a dezembro), no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	345/1490
<b>Figura II.5.1.2-154</b> - Histograma direcional de energia (KJ/m <sup>2</sup> ) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o verão (janeiro a março) no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	348/1490
<b>Figura II.5.1.2-155</b> - Histograma direcional de energia (KJ/m <sup>2</sup> ) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o outono (abril a junho), no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	349/1490

<b>Figura II.5.1.2-156</b> - Histograma direcional de energia (KJ/m <sup>2</sup> ) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para o inverno (julho a setembro), no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	350/1490
<b>Figura II.5.1.2-157</b> - Histograma direcional de energia (KJ/m <sup>2</sup> ) e direção das ondas (°), a partir de resultados do modelo WW3 para a primavera (outubro a dezembro), no ponto referente ao FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 2001 a 2010.	351/1490
<b>Figura II.5.1.2-158</b> - Mapa de altura significativa média (m) e direção de incidência das ondas (vetores) para o verão (janeiro a março), obtido a partir de resultados do modelo WW3. Período 2001 a 2010. Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	354/1490
<b>Figura II.5.1.2-159</b> - Mapa de período de pico médio (s) e direção de incidência das ondas (vetores) para o verão (janeiro a março), obtido a partir de resultados do modelo WW3. Período 2001 a 2010. Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	355/1490
<b>Figura II.5.1.2-160</b> - Mapa de altura significativa média (m) e direção de incidência das ondas (vetores) para o outono (abril a junho), obtido a partir de resultados do modelo WW3. Período 2001 a 2010. Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	356/1490
<b>Figura II.5.1.2-161</b> - Mapa de período de pico médio (s) e direção de incidência das ondas (vetores) para o outono (abril a junho), obtido a partir de resultados do modelo WW3. Período 2001 a 2010. Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	357/1490
<b>Figura II.5.1.2-162</b> - Mapa de altura significativa média (m) e direção de incidência das ondas (vetores) para o inverno (julho a setembro), obtido a partir de resultados do modelo WW3. Período 2001 a 2010. Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	358/1490
<b>Figura II.5.1.2-163</b> - Mapa de período de pico médio (s) e direção de incidência das ondas (vetores) para o inverno (julho a setembro), obtido a partir de resultados do modelo WW3. Período 2001 a 2010. Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	359/1490
<b>Figura II.5.1.2-164</b> - Mapa de altura significativa média (m) e direção de incidência das ondas (vetores) para a primavera (outubro a dezembro), obtido a partir de resultados do modelo WW3. Período 2001 a 2010. Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	360/1490
<b>Figura II.5.1.2-165</b> - Mapa de período de pico médio (s) e direção de incidência das ondas (vetores) para a primavera (outubro a dezembro), obtido a partir de resultados do modelo WW3. Período 2001 a 2010. Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	361/1490

<b>Figura II.5.1.2-166</b> - Mapa de refração média das ondas, obtido a partir de resultados do modelo WW3 para o período de 2001 a 2010. As linhas vermelhas indicam as direções médias da frente de onda e a escala de cores representa a batimetria (m). Demarcado o ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	362/1490
<b>Figura II.5.1.2-168</b> - Planície litorânea do Rio Paraíba do Sul (RJ) com principais localidades, denominações das praias e sentido do transporte litorâneo.	365/1490
<b>Figura II.5.1.2-169</b> - Amplitude (cm) e fase local ( $^{\circ}$ ) das principais componentes harmônicas para a estação maregráfica da FEMAR em São João da Barra (RJ).	367/1490
<b>Figura II.5.1.2-170</b> - Amplitude (cm) e fase local ( $^{\circ}$ ) das principais componentes harmônicas para a estação maregráfica da FEMAR em Búzios (RJ).	368/1490
<b>Figura II.5.1.2-171</b> - Amplitude (cm) e fase local ( $^{\circ}$ ) das principais componentes harmônicas para a estação maregráfica da FEMAR no Recreio dos Bandeirantes (RJ).	369/1490
<b>Figura II.5.1.2-172</b> - Série temporal de maré obtida através de previsão harmônica para a estação São João da Barra (RJ), entre janeiro de 2005 e janeiro de 2015.	371/1490
<b>Figura II.5.1.2-173</b> - Série temporal de maré obtida através de previsão harmônica para a estação Búzios (RJ), entre janeiro de 2005 e janeiro de 2015.	372/1490
<b>Figura II.5.1.2-174</b> - Série temporal de maré obtida através de previsão harmônica para a estação Recreio dos Bandeirantes (RJ), entre janeiro de 2005 e janeiro de 2015.	372/1490
<b>Figura II.5.1.2-175</b> - Mapa cotidal de amplitude (m, isolinhas) e fase ( $^{\circ}$ , campo) para a componente de maré $M_2$ na costa SE do Brasil.	375/1490
<b>Figura II.5.1.2-176</b> - Mapa cotidal de amplitude (m, isolinhas) e fase ( $^{\circ}$ , campo) para a componente de maré $S_2$ na costa SE do Brasil.	375/1490
<b>Figura II.5.1.2-177</b> - Mapa cotidal de amplitude (m, isolinhas) e fase ( $^{\circ}$ , campo) para a componente de maré $O_1$ na costa SE do Brasil.	376/1490
<b>Figura II.5.1.2-178</b> - Mapa cotidal de amplitude (m, isolinhas) e fase ( $^{\circ}$ , campo) para a componente de maré $K_1$ na costa SE do Brasil.	376/1490
<b>Figura II.5.1.2-179</b> - Mapa cotidal de amplitude (m, isolinhas) e fase ( $^{\circ}$ , campo) para a componente de maré $K_2$ na costa SE do Brasil.	377/1490
<b>Figura II.5.1.2-180</b> - Mapa cotidal de amplitude (m, isolinhas) e fase ( $^{\circ}$ , campo) para a componente de maré $N_2$ na costa SE do Brasil.	377/1490
<b>Figura II.5.1.2-181</b> - Mapa cotidal de amplitude (m, isolinhas) e fase ( $^{\circ}$ , campo) para a componente de maré $P_1$ na costa SE do Brasil.	378/1490

<b>Figura II.5.1.2-182</b> - Mapa cotidal de amplitude (m, isolinhas) e fase (°, campo) para a componente de maré Q <sub>1</sub> na costa S-SE do Brasil.	378/1490
<b>Figura II.5.1.2-183</b> - Elevação média e máxima mensal da superfície do mar e desvio-padrão associado, obtidos através dos dados da reanálise CFSR no ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 1979 a 2010.	381/1490
<b>Figura II.5.1.2-184</b> - Variação média mensal da altura do nível do mar em relação ao geóide (m), obtida através dos dados da reanálise CFSR no ponto de localização do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Período de 1979 a 2010.	382/1490
<b>Figura II.5.1.2-185</b> - Histograma direcional dos eventos extremos de corrente superficial selecionados pelo primeiro critério, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO no ponto sobre o FPSO Cidade de Campos de Goytacazes. Período 2004 a 2007.	384/1490
<b>Figura II.5.1.2-186</b> - Histograma direcional dos eventos extremos de corrente superficial selecionados pelo segundo critério, obtidos a partir dos resultados do modelo HYCOM da base REMO no ponto sobre o FPSO Cidade de Campos de Goytacazes. Período 2004 a 2007.	385/1490
<b>Figura II.5.1.2-187</b> - Histograma direcional dos eventos extremos de altura significativa das ondas (m) selecionados pelo primeiro critério, obtidos a partir dos resultados do modelo WW3 no ponto sobre o FPSO Cidade de Campos de Goytacazes. Período 2001 a 2010.	387/1490
<b>Figura II.5.1.2-188</b> - Histograma direcional dos eventos extremos de altura significativa das ondas (m) selecionados pelo segundo critério, obtidos a partir dos resultados do modelo WW3 no ponto sobre o FPSO Cidade de Campos de Goytacazes. Período 2001 a 2010.	388/1490
<b>Figura II.5.1.3-1</b> - Estações de coleta de água do estudo utilizado neste diagnóstico.	393/1490
<b>Figura II.5.1.3-2</b> - Distribuição espacial dos valores de Oxigênio Dissolvido no ambiente pelágico da Bacia de Campos durante o Período Chuvoso de 2009 (a) mapa da superfície e (b) perfil vertical, e durante o Período Seco de 2009 (c) mapa da superfície e (d) perfil vertical.	396/1490
<b>Figura II.5.1.3-3</b> - Distribuição espacial dos valores de pH no ambiente pelágico da Bacia de Campos durante o Período Chuvoso de 2009 (a) mapa da superfície e (b) perfil vertical, e durante o Período Seco de 2009 (c) mapa da superfície e (d) perfil vertical.	398/1490
<b>Figura II.5.1.3-4</b> - Distribuição espacial dos valores de Ortofosfato no ambiente pelágico da Bacia de Campos durante o Período Chuvoso de 2009 (a) mapa da superfície e (b) perfil vertical, e durante o Período Seco de 2009 (c) mapa da superfície e (d) perfil vertical.	401/1490

<b>Figura II.5.1.3-5</b> - Distribuição espacial dos valores de Nitrito no ambiente pelágico da Bacia de Campos durante o Período Chuvoso de 2009 (a) mapa da superfície e (b) perfil vertical, e durante o Período Seco de 2009 (c) mapa da superfície e (d) perfil vertical.	405/1490
<b>Figura II.5.1.3-6</b> - Distribuição espacial dos valores de Nitrato no ambiente pelágico da Bacia de Campos durante o Período Chuvoso de 2009 (a) mapa da superfície e (b) perfil vertical, e durante o Período Seco de 2009 (c) mapa da superfície e (d) perfil vertical.	406/1490
<b>Figura II.5.1.3-7</b> - Distribuição de clorofila a ao longo das diferentes isóbatas(a) período chuvoso e (b) período seco.	408/1490
<b>Figura II.5.1.3-8</b> - Distribuição da clorofila a na bacia de Campos: (a) período chuvoso 1 m, (b) período chuvoso na segunda profundidade, (c) período seco a 1 m, (d) período seco na segunda profundidade.	409/1490
<b>Figura II.5.1.3-9</b> - Distribuição das concentrações de HTP, expressas em $\mu\text{g L}^{-1}$ , nas amostras de água coletadas no período chuvoso e no período seco.	411/1490
<b>Figura II.5.1.3-10</b> - Box-plot e resultados dos testes F (ANOVA) e de Kruskal-Wallis para HTP, expresso em $\mu\text{g L}^{-1}$ ; comparação entre as amostras de água coletadas nos períodos chuvoso e seco.	412/1490
<b>Figura II.5.1.3-11</b> - Distribuição das concentrações dos 16 HPAs USEPA, expressas em $\text{ng L}^{-1}$ , nas amostras de água coletadas no período chuvoso (a) e no período seco (b).	412/1490
<b>Figura II.5.1.3-12</b> - Distribuição das concentrações do Total de HPAs, expressas em $\text{ng L}^{-1}$ , nas amostras de água coletadas no período chuvoso (a) e no período seco (b).	413/1490
<b>Figura II.5.1.3-13</b> - Estações de coleta de sedimento do estudo utilizado neste diagnóstico.	416/1490
<b>Figura II.5.1.3-14</b> - (a) Mapa de distribuição do Total HPAs em sedimentos da Bacia de Campos - período chuvoso; (b) - período seco.	423/1490
<b>Figura II.5.1.3-15</b> - Razão 16HPAs/Total HPAs no período chuvoso (vermelho) e período seco (azul).	424/1490
<b>Figura II.5.1.4-1</b> - Seção geológica regional da Bacia de Campos, mostrando as principais estruturas do embasamento e da tectônica salífera e as seqüências estratigráficas.	432/1490
<b>Figura II.5.1.4-2</b> - Seção geológica esquemática do Reservatório (Datum: SIRGAS 2000).	435/1490
<b>Figura II.5.1.4-3</b> - Modelo deposicional dos carbonatos do Albiano (modificado de Guimarães, 1994).	435/1490
<b>Figura II.5.1.4-4</b> - Principais compartimentos estruturais da Bacia de Campos.	439/1490

<b>Figura II.5.1.4-5</b> - Mapa Geológico Esquemático contendo o vazio Albiano associado à zona de falha antitética de Cabo Frio.	440/1490
<b>Figura II.5.1.4-6</b> - Coluna estratigráfica da Bacia de Campos.	449/1490
<b>Figura II.5.1.4-7</b> - Carta Estratigráfica da Bacia de Campos (modificado de Winter <i>et al.</i> , 2007).	450/1490
<b>Figura II.5.1.4-8</b> - Seção sísmica de alta resolução (SBP-Sub Bottom Profiler) ilustrando a geologia da área de locação dos poços. Observam-se duas fácies predominantes: lama heterogênea e a cobertura lamosa (drape).	464/1490
<b>Figura II.5.1.4-9</b> - Litologias atravessadas pelos poços previstos para o desenvolvimento da produção do Campo de Tartaruga Verde.	477/1490
<b>Figura II.5.1.4-10</b> - Imagem com a localização dos equipamentos com relação aos pontos de medição de corrente de fundo (A e B).	480/1490
<b>Figura II.5.1.4-11</b> - Imagem do fundo com indicação de marcas de corrente (avançando para o sentido NE) próximo à locação dos equipamentos 1 (esquerda) e 2 (direita). Os círculos indicam um raio de 1000 m em torno dos dois equipamentos.	480/1490
<b>Figura II.5.2-1</b> - Número de Unidades de Conservação de Poder Federal, Estadual e Municipal, identificadas na região costeira da Área de Estudo do empreendimento.	489/1490
<b>Figura II.5.2-2</b> - Espécies de tartaruga marinha ocorrentes no litoral brasileiro.	558/1490
<b>Figura II.5.2-3</b> - Mapa das 23 bases do Projeto TAMAR.	560/1490
<b>Figura II.5.2-4</b> - Mapa das rotas migratórias de tartarugas marinhas monitoradas pelo TAMAR.	561/1490
<b>Figura II.5.2-5</b> - Áreas diretamente monitoradas pelas equipes do GEMM-Lagos/FIOCRUZ (Áreas A e B) e do Projeto TAMAR/ICMBio (Área C) no litoral centro-norte do Estado do Rio de Janeiro entre 2008 e 2010.	576/1490
<b>Figura II.5.2-6</b> - Frequência absoluta dos registros de encalhe de tartarugas marinhas na região centro-norte fluminense por espécie e por ano no período entre 2008 e 2010. Onde: Cm = Chelonia mydas, Cc=Caretta caretta, Lo=Lepidochelys olivacea, Ei = Eretmochelys imbricata, Dc= Dermochelys coriacea e NI= Espécie não identificada.	577/1490
<b>Figura II.5.2-7</b> - Frequência relativa dos registros de encalhe das diferentes espécies de tartarugas marinhas na região centro-norte fluminense por município monitorado entre 2008 e 2010. Onde: Cm = Chelonia mydas, Cc = Caretta caretta, Lo = Lepidochelys olivacea, Ei = Eretmochelys imbricata, Dc = Dermochelys coriacea, SFI = São Francisco de Itabapoana, SJB = São João da Barra, GOY= Campos dos Goytacazes, QUI=Quissamã, MAC = Macaé, ROS = Rio das Ostras, CAS = Casimiro de Abreu, CFR = Cabo Frio, BUZ = Armação dos Búzios, ARR = Arraial do Cabo, ARA = Araruama e SAQ = Saquarema.	578/1490

<b>Figura II.5.2-8</b> - Distribuição temporal (por mês) dos registros de encalhe das espécies mais abundantes de tartarugas marinhas na região centro-norte do Estado do Rio de Janeiro entre outubro de 2008 e setembro de 2010.	579/1490
<b>Figura II.5.2-9</b> - Concentração de registros de desova de tartarugas marinhas, por praia monitorada pelo Projeto TAMAR/ICMBio, no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro, durante as temporadas reprodutivas de (A) 2008-2009 e (B) 2009-2010. A área compreendida entre a Praia de Tatajiba e a Ilha da Convivência pertence ao município de São Francisco de Itabapoana; entre as Praias do Pontal e do Açú, ao município de São João da Barra; e entre a Praia de Maria Rosa e Barra do Furado, ao município de Quissamã.	581/1490
<b>Figura II.5.2-9</b> - Concentração de registros de desova de tartarugas marinhas, por praia monitorada pelo Projeto TAMAR/ICMBio, no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro, durante as temporadas reprodutivas de (A) 2008-2009 e (B) 2009-2010. A área compreendida entre a Praia de Tatajiba e a Ilha da Convivência pertence ao município de São Francisco de Itabapoana; entre as Praias do Pontal e do Açú, ao município de São João da Barra; e entre a Praia de Maria Rosa e Barra do Furado, ao município de Quissamã.	582/1490
<b>Figura II.5.2-10</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira no Brasil entre os anos de 2000 e 2011.	588/1490
<b>Figura II.5.2-11</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha do estado do Rio de Janeiro entre os anos de 2000 e 2011 – valores em toneladas.	589/1490
<b>Figura II.5.2-12</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha do estado do Rio de Janeiro por município no período de 01/jan/2013 até 30/jun/2014.	590/1490
<b>Figura II.5.2-13</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha das principais categorias de pescado do estado do Rio de Janeiro entre os anos de 2001 e 2006 - valores em toneladas.	591/1490
<b>Figura II.5.2-14</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira no Brasil por categoria e grupo de pescados entre os anos de 2000 e 2011.	596/1490
<b>Figura II.5.2-15</b> - <i>Sardinella brasiliensis</i> - Sardinha-verdadeira.	597/1490
<b>Figura II.5.2-16</b> - <i>Harengula clupeiola</i> – Sardinha-cascuda.	597/1490
<b>Figura II.5.2-17</b> - <i>Opisthonema oglinum</i> - Sardinha-laje.	597/1490
<b>Figura II.5.2-18</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha de sardinhas ( <i>Clupeidae</i> ) e sardinha-verdadeira ( <i>Sardinella brasiliensis</i> ) no Brasil entre os anos de 2000 e 2011 - valores em toneladas.	598/1490
<b>Figura II.5.2-19</b> - <i>Micropogonias furnieri</i> - Corvina.	599/1490

<b>Figura II.5.2-20</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha da corvina ( <i>Micropogonias furnieri</i> ) no Brasil entre os anos de 2000 e 2011 - valores em toneladas.	600/1490
<b>Figura II.5.2-21</b> - <i>Thunnus albacares</i> - Albacora-lage.	601/1490
<b>Figura II.5.2-22</b> - <i>Katsuwonus pelamis</i> - Bonito-listrado.	602/1490
<b>Figura II.5.2-23</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha de atuns e afins no Brasil entre os anos de 2000 e 2011 – valores em toneladas.	602/1490
<b>Figura II.5.2-24</b> - <i>Balistes vetula</i> - Peroá.	604/1490
<b>Figura II.5.2-25</b> - <i>Balistes capriscus</i> - Peroá.	605/1490
<b>Figura II.5.2-26</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha do peroá ( <i>Balistes</i> spp.) no Brasil entre os anos de 2000 e 2011 - valores em toneladas.	606/1490
<b>Figura II.5.2-27</b> - <i>Coryphaena hippurus</i> - Dourado.	606/1490
<b>Figura II.5.2-28</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha do dourado ( <i>Coryphaena hippurus</i> ) no Brasil entre os anos de 2000 e 2011 - valores em toneladas.	607/1490
<b>Figura II.5.2-29</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha de bagres no Brasil entre os anos de 2000 e 2011 - valores em toneladas.	608/1490
<b>Figura II.5.2-30</b> - Resumo estatístico da produção pesqueira marinha de crustáceos no Brasil entre os anos de 2000 e 2011 - valores em toneladas.	610/1490
<b>Figura II.5.2-31</b> - Áreas monitoradas pela equipe do GEMM-Lagos/ FIOCRUZ (Áreas A e B) no litoral centro-norte do estado do Rio de Janeiro entre 2009 e 2010.	630/1490
<b>Figura II.5.2-32</b> - Distribuição geográfica dos registros de avistagem de cetáceos na costa centro-norte do estado do Rio de Janeiro entre 1999 e 2009. (A) Registros de avistagem de misticetos. (B) Registros de avistagem de odontocetos.	632/1490
<b>Figura II.5.2-33</b> - Baleia-azul ( <i>Balaenoptera musculus</i> ).	638/1490
<b>Figura II.5.2-34</b> - Baleia-fin ( <i>Balaenoptera physalus</i> ).	639/1490
<b>Figura II.5.2-35</b> - Baleia-sei ( <i>Balaenoptera borealis</i> ).	640/1490
<b>Figura II.5.2-36</b> - Baleia-franca-do-sul ( <i>Eubalaena australis</i> ).	641/1490
<b>Figura II.5.2-37</b> - Baleia-jubarte ( <i>Megaptera novaeangliae</i> ).	642/1490
<b>Figura II.5.2-38</b> - Rotas e destinos migratórios de baleias-jubarte marcadas com transmissores satelitais no litoral do Brasil.	644/1490
<b>Figura II.5.2-39</b> - Baleia-de-Bryde ( <i>Balaenoptera edeni</i> ).	647/1490
<b>Figura II.5.2-40</b> - Baleia-minke-anã ( <i>Balaenoptera acutorostrata</i> ).	648/1490
<b>Figura II.5.2-41</b> - Baleia-minke-antártica ( <i>Balaenoptera bonaerensis</i> ).	649/1490
<b>Figura II.5.2-42</b> - Cachalote ( <i>Physeter macrocephalus</i> ).	651/1490

<b>Figura II.5.2-43</b> - Cachalote-anão ( <i>Kogia sima</i> ).	652/1490
<b>Figura II.5.2-44</b> - Cachalote-pigmeu ( <i>Kogia breviceps</i> ).	653/1490
<b>Figura II.5.2-45</b> - Toninha ( <i>Pontoporia blainvillei</i> ).	654/1490
<b>Figura II.5.2-46a</b> - Mapa da distribuição da Toninha ( <i>Pontoporia blainvillei</i> ). As linhas vermelhas representam os limites norte e sul de distribuição. Os limites de cada Área de Manejo da Toninha (FMA) estão representados na cor preta. A espessura da linha de cada FMA representa o grau de estruturação de cada população.	655/1490
<b>Figura II.5.2-46b</b> - Distribuição da Toninha na FMA (área marcada em azul) e a existência de dois hiatos entre Regência e Barra do Itabapoana e entre Macaé e a Baía da Ilha Grande.	656/1490
<b>Figura II.5.2-47</b> - Boto-cinza ( <i>Sotalia guianensis</i> ).	658/1490
<b>Figura II.5.2-48</b> - Golfinho-nariz-de-garrafa ( <i>Tursiops truncatus</i> ).	660/1490
<b>Figura II.5.2-49</b> - Golfinho-de-dentes-rugosos ( <i>Steno bredanensis</i> ).	661/1490
<b>Figura II.5.2-50</b> - Golfinho-pintado-do-atlântico ( <i>Stenella frontalis</i> ).	663/1490
<b>Figura II.5.2-51</b> - Golfinho-pintado-pantropical ( <i>Stenella attenuata</i> ).	664/1490
<b>Figura II.5.2-52</b> - Golfinho-de-Clymene ( <i>Stenella clymene</i> ).	665/1490
<b>Figura II.5.2-53</b> - Golfinho-rotador ( <i>Stenella longirostris</i> ).	666/1490
<b>Figura II.5.2-54</b> - Golfinho-comum ( <i>Delphinus sp.</i> ).	667/1490
<b>Figura II.5.2-55</b> - Golfinho-de-Fraser ( <i>Lagenodelphis hosei</i> ).	668/1490
<b>Figura II.5.2-56</b> - Golfinho-de-Risso ( <i>Grampus griseus</i> ).	669/1490
<b>Figura II.5.2-57</b> - Orca ( <i>Orcinus orca</i> ).	670/1490
<b>Figura II.5.2-58</b> - Orca-Pigméia ( <i>Feresa attenuata</i> ).	671/1490
<b>Figura II.5.2-59</b> - Falsa-Orca ( <i>Pseudorca crassidens</i> ).	672/1490
<b>Figura II.5.2-60</b> - Baleia-piloto-de-peitorais-curtas ( <i>Globicephala macrorhynchus</i> ).	673/1490
<b>Figura II.5.2-61</b> - Rotas de migração de aves marinhas no Brasil.	678/1490
<b>Figura II.5.2-62</b> - Áreas diretamente monitoradas pela equipe do GEMMLagos/FIOCRUZ (Áreas A e B) no litoral centro-norte do Estado do Rio de Janeiro entre 2008 e 2010.	682/1490
<b>Figura II.5.2-63</b> - Total de aves marinhas arribadas por espécie, registradas durante monitoramentos de praia na região centro-norte fluminense entre 2008 e 2010. Valores da esquerda correspondem às barras azuis e consideram o total de registros de todas as espécies; valores da direita correspondem às barras amarelas e consideram o total de registros excluindo-se <i>Spheniscus magellanicus</i> , a espécie mais abundante.	683/1490
<b>Figura II.5.2-64</b> - Espécies de aves marinhas registradas durante os censos embarcados na região centro-norte fluminense.	684/1490

<b>Figura II.5.2-65</b> - Algumas das espécies de aves marinhas com maior frequência de ocorrência durante os monitoramentos de praia e censos embarcados efetuados na região centro-norte fluminense entre 2009 e 2010. (A) <i>Spheniscus magellanicus</i> , (B) <i>Puffinus puffinus</i> , (C) <i>Fregata magnificens</i> , (D) <i>Sula leucogaster</i> , (E) <i>Thalassarche chlororhynchos</i> , (F) <i>Calonectris borealis</i> .	686/1490
<b>Figura II.5.2-66</b> - Albatroz-viajeiro ( <i>Diomedea exulans</i> ).	693/1490
<b>Figura II.5.2-67</b> - Albatroz-real ( <i>Diomedea epomophora</i> ).	694/1490
<b>Figura II.5.2-68</b> - Albatroz-nariz-amarelo ( <i>Thalassarche chlororhynchos</i> ).	695/1490
<b>Figura II.5.2-69</b> - Albatroz-de-sobrancelha ( <i>Thalassarche melanophris</i> ).	697/1490
<b>Figura II.5.2-70</b> - Pardela ( <i>Procellaria aequinoctialis</i> ).	698/1490
<b>Figura II.5.2-71</b> - Bobo-grande ( <i>Calonectris borealis</i> ).	699/1490
<b>Figura II.5.2-72</b> - Petrel-Gigante ( <i>Macronectes giganteus</i> ).	700/1490
<b>Figura II.5.2-73</b> - Bobo-pequeno ( <i>Puffinus puffinus</i> ).	702/1490
<b>Figura II.5.2-74</b> - Bobo-de-cabo verde ( <i>Calonectris edwardsii</i> ).	703/1490
<b>Figura II.5.2-75</b> - Pinguins-demagalhões ( <i>Spheniscus magellanicus</i> ).	704/1490
<b>Figura II.5.2-76</b> - Gaivota-rapeira-pomarina ( <i>Stercorarius pomarinus</i> ).	706/1490
<b>Figura II.5.2-77</b> - Trinta-réis-escuro ( <i>Anous stolidus</i> ).	707/1490
<b>Figura II.5.2-78</b> - Gaivota-de-franklin ( <i>Leucophaeus pipixcan</i> ).	708/1490
<b>Figura II.5.2-79</b> - Estações selecionadas para a realização das dragagens (L1=Lineamento 1, L2=Lineamento 2, G2= Granulado 2, B1= Banco 1, B2= Banco 2 e Br1= Barra 1).	715/1490
<b>Figura II.5.2-80</b> - Imagens das estações investigadas com auxílio do ROV.	716/1490
<b>Figura II.5.2-81</b> - A) Gênero <i>Mesophyllum</i> B) Gênero <i>Phymatolithon</i> C) Gênero <i>Sporolithon</i> .	718/1490
<b>Figura II.5.2-82</b> - Percentual de ocorrência dos grupos taxonômicos em relação ao número total de indivíduos coletados, somando-se todas as estações do PCR-BC.	720/1490
<b>Figura II.5.2-83</b> - Distribuição do gênero <i>Laminaria</i> na Bacia de Campos, considerando publicações de 1976 a 2006, dados do Projeto Habitats e outros dados pontuais Petrobras, além de bancos de dados (Bampetro). Legenda: Amarelo - Areia Siliciclástica; Verde-Lama (Argila e Silte); Lilás - Cascalho Bioclástico; Vinho Claro (à direita) - Afloramentos por Halocinese.	723/1490
<b>Figura II.5.2-84</b> - Exemplo de como os Briozoários são encontrados no ambiente marinho (bancos).	725/1490
<b>Figura II.5.2-85</b> - Distribuição dos sedimentos carbonáticos na costa sul do Espírito Santo.	727/1490
<b>Figura II.5.2-86</b> - A) <i>Chione pubera</i> , B) <i>Euvola ziczac</i> , C) <i>Nodipecten nodosus</i> .	729/1490

<b>Figura II.5.2-87</b> - A) <i>Siderastrea stellata</i> B) <i>Mussismillia hispida</i> C) <i>Carijoa riisei</i> , D) <i>Heterogorgia uatumani</i> , E) <i>Leptogorgia punicea</i> .	732/1490
<b>Figura II.5.2-88</b> - A) <i>Millepora alcicornis</i> , B) <i>Phyllogorgia dilatata</i> , C) <i>Aiptasia pallida</i> , D) <i>Palythoa</i> sp.	734/1490
<b>Figura II.5.2-89</b> - Polígonos delimitando os levantamentos geofísicos com AUV, sísmica 3D, peixe rebocado próximo à superfície e junto ao fundo representados sobre o modelo digital representando a geomorfologia do fundo oceânico da Bacia de Campos (modificado Schreiner <i>et al.</i> , 2007/2008).	736/1490
<b>Figura II.5.2-90</b> - Distribuição das áreas selecionadas para abordagem comparativa dos ecossistemas de corais de águas profundas da Bacia de Campos (modificado Schreiner <i>et al.</i> , 2007/2008).	738/1490
<b>Figura II.5.2-91</b> - Alvos refletivos interpretados nos levantamentos geofísicos (em vermelho) e Alvos investigados com ROV (em amarelo) comprovando a ocorrência de ecossistemas de corais de águas profundas sobrepostos ao mapa do fundo oceânico da Bacia de Campos (Schreiner <i>et al.</i> , 2007/2008).	739/1490
<b>Figura II.5.2-92</b> - Principais espécies formadoras de bancos de corais da Bacia de Campos. A - <i>Lophelia pertusa</i> ; B - <i>Solenosmilia variabilis</i> , C - <i>Enallopsammia profunda</i> e D- <i>Madrepora oculata</i> .	741/1490
<b>Figura II.5.2-93</b> - Representantes de algumas famílias da Ordem Alcyonacea: (A) <i>Paragorgia</i> sp. ( <i>Paragorgiidae</i> ), (B) <i>Isididae</i> , (C) <i>Calyptrophora</i> sp. ( <i>Primnoidae</i> ), (D) <i>Candidella imbricata</i> ( <i>Primnoidae</i> ), (E) <i>Narella</i> sp. ( <i>Primnoidae</i> ), (F) <i>Thouarella didadema</i> ( <i>Primnoidae</i> ), (G) <i>Paramuricea</i> sp. ( <i>Plexauridae</i> ), (H) <i>Trachytella</i> sp. ( <i>Clavulariidae</i> ).	742/1490
<b>Figura II.5.2-94</b> - Classe Hexactinellida – representantes dos poríferos registrados na Bacia de Campos. (A) <i>Farrea occa</i> e (B) <i>Saccocalyx pedunculatus</i> .	743/1490
<b>Figura II.5.2-95</b> - Imagens de ROV apresentando os registros da fauna vágil associada aos bancos carbonáticos de corais da Bacia de Campos. Asteroidea - Echinodermata: (A) <i>Nymphaster arenatus</i> ( <i>Goniasteridae</i> ), (B) Echinoidea, (C) três indivíduos de <i>Novodinia antillensis</i> ( <i>Brisingidae</i> ) em postura de alimentação, (D) Comatulida, Malacostraca - Crustacea: (E) Galatheidae, (F) Majjidae, Peixes: (G) <i>Rajella sadowski</i> e (H) <i>Macrouridae</i> .	744/1490
<b>Figura II.5.2-96</b> - A) Ostras-do-mangue ( <i>Crassostrea rhizophorae</i> e <i>Crassostrea brasiliiana</i> ); B) Bacucu ( <i>Mytella charruana</i> ); C) Mexilhão ( <i>Perna perna</i> ) D) Marisco ( <i>Lucina pectinata</i> ).	748/1490
<b>Figura II.5.2-97</b> - Presença de algas vermelhas coralináceas ( <i>Mesophyllum</i> sp.).	751/1490

<b>Figura II.5.2-98</b> - Espécies da ictiofauna de interesse comercial A) Sardinha-verdadeira ( <i>Sardinella brasiliensis</i> ); B) Corvina ( <i>Micropogonias furnieri</i> ); C) Bonito-listrado ( <i>Katsuwonus pelamis</i> ) D)Dourado ( <i>Coryphaena hippurus</i> ).	753/1490
<b>Figura II.5.2-99</b> - Pecten ziczac (vieira).	754/1490
<b>Figura II.5.2-100</b> - Espécies de aves marinhas presentes na Área de Estudo que estão sob algum risco de extinção.	756/1490
<b>Figura II.5.2-101</b> - Tubarão galha branca oceânico ( <i>Carcharhinus longimanus</i> ).	761/1490
<b>Figura II.5.2-102</b> - Tubarão enfermeiro ( <i>Ginglymostoma cirratum</i> ).	761/1490
<b>Figura II.5.2-103</b> - Tartaruga-de-pente ( <i>Eretmochelys imbricata</i> ).	763/1490
<b>Figura II.5.2-104</b> - Siderastrea stellata.	771/1490
<b>Figura II.5.2-105</b> - Toninha ( <i>Pontoporia blainvillei</i> ).	772/1490
<b>Figura II.5.2-106</b> - Isognomon bicolor.	773/1490
<b>Figura II.5.2-107</b> - Megabalanus coccopoma.	774/1490
<b>Figura II.5.2-108</b> - Tubastraea coccinea (Coral-sol).	775/1490
<b>Figura II.5.2-109</b> - Malha amostral do PCR-BC/Habitats para avaliação do sistema bêntico da Bacia de Campos, mostrando as 108 estações planejadas em cada período estudado.	787/1490
<b>Figura II.5.2-110</b> - Proporção da riqueza de espécies da macrofauna da plataforma continental da Bacia de Campos durante o período chuvoso (A) e período seco (B).	790/1490
<b>Figura II.5.2-111</b> - Diagrama representando dados médios de abundância de espécies (com número mínimo de 5 indivíduos numa amostra) encontradas em ambientes de talude (transectos A a H), entre 400 e 3.000 m de profundidade. Dados transformados em log (x+1).	794/1490
<b>Figura II.5.2-112</b> - Áreas das futuras instalações: Sistema de Coleta/Injeção (esq.) e Sistema de Escoamento de Gás (dir.) com imageamento por ROV.	797/1490
<b>Figura II.5.2-113</b> - Fotos representativas dos bancos de corais encontrados na Área 1. Panorama geral (sup. esq.). Octocorais de grande porte (sup. dir.). Colônias vivas e mortas de <i>S. variabilis</i> (inf. esq.). Agregados de estrelas do mar da ordem Brisingida (inf. dir.).	799/1490
<b>Figura II.5.2-114</b> - Fotos representativas dos bancos de corais encontrados na Área 2. Geral (esq.). Octocorais de grande porte (dir.).	799/1490
<b>Figura II.5.2-115</b> - Fotos de bancos de coral à noroeste da Área 2, onde ocorrem as espécies <i>M. oculata</i> (esq.) e <i>L. pertusa</i> (dir.).	800/1490
<b>Figura II.5.2-116</b> - Fotos de bancos de coral da Área 3, onde há bancos rasteiros com <i>S. variabilis</i> (esq.) e bancos formados por <i>L. pertusa</i> (dir.).	800/1490

<b>Figura II.5.2-117</b> - Fotos representativas dos bancos de corais encontrados na Área 4. Corais pétreos formadores não identificados (sup. esq.) e grandes colônias de <i>L. pertusa</i> (sup. dir.). Octocorais de grande porte (inf.).	801/1490
<b>Figura II.5.2-118</b> - Fotos representativas dos bancos de corais encontrados na Área 5.	802/1490
<b>Figura II.5.2-119</b> - Fotos representativas dos bancos de corais encontrados na Área 6.	803/1490
<b>Figura II.5.2-120</b> - Fotos representativas da Área 7, na qual há apenas organismos dispersos no fundo de sedimento.	804/1490
<b>Figura II.5.2-121</b> - Fotos representativas da Área 8, na qual há apenas organismos (corais não formadores de banco) dispersos no fundo de sedimento.	804/1490
<b>Figura II.5.2-122</b> - Fotos representativas das formações carbonáticas na Área 9.	805/1490
<b>Figura II.5.2-123</b> - Fotos representativas das algas calcárias encontradas na Área 9.	806/1490
<b>Figura II.5.3-1</b> - Distribuição da Área de Estudo por Estado.	809/1490
<b>Figura II.5.3-2</b> - Crescimento populacional do estado do Rio de Janeiro 2000-2010.	811/1490
<b>Figura II.5.3-3</b> - Estrutura do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos.	819/1490
<b>Figura II.5.3-4</b> - Aeroporto de Macaé.	829/1490
<b>Figura II.5.3-5</b> - Aeroporto de Cabo Frio.	829/1490
<b>Figura II.5.3-6</b> - Porto de Vitória.	830/1490
<b>Figura II.5.3-7</b> - Companhia Portuária Vila Velha.	830/1490
<b>Figura II.5.3-8</b> - Terminal Alfandegado Imbetiba.	831/1490
<b>Figura II.5.3-9</b> - Porto do Forno.	831/1490
<b>Figura II.5.3-10</b> - Porto de Niterói.	831/1490
<b>Figura II.5.3-11</b> - Porto do Rio de Janeiro.	831/1490
<b>Figura II.5.3-12</b> - Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade na Região Sudeste.	892/1490
<b>Figura II.5.3-13</b> - Mobilidade da População entre Período de 1960 a 1980.	898/1490
<b>Figura II.5.3-14</b> - Mobilidade da População entre Período de 1980a 1990.	899/1490
<b>Figura II.5.3-15</b> - Deslocamento da População para Trabalho ou Estudo no Estado do Rio de Janeiro.	905/1490
<b>Figura II.5.3-16</b> - Deslocamento da População para Trabalho ou Estudo no Estado do Espírito Santo.	905/1490
<b>Figura II.5.3-17</b> - Famílias da AE no CadÚnico por Faixa de Renda Per Capita.	909/1490

<b>Figura II.5.3-18</b> - Famílias de Grupos Tradicionais da AE Beneficiadas pelo PBF.	910/1490
<b>Figura II.5.3-19</b> - Média do IFDM na Área de Estudo - 2011.	911/1490
<b>Figura II.5.3-20</b> - IFDM dos Municípios da Área de Estudo classificados nas faixas de desenvolvimento moderado e alto para o tema educação - 2011.	912/1490
<b>Figura II.5.3-21</b> - IFDM de 12 Municípios da Área de Estudo classificados nas faixas de desenvolvimento moderado e alto para o tema saúde - 2011.	912/1490
<b>Figura II.5.3-22</b> - IFDM para Emprego e Renda nos Municípios da Área de Estudo - 2011.	913/1490
<b>Figura II.5.3-23</b> - Ranking dos PIBs da Área de Estudo - 2012 (mil reais).	916/1490
<b>Figura II.5.3-24</b> - Maiores Taxas de Crescimento do PIB entre Municípios da AE - 2008 a 2012.	917/1490
<b>Figura II.5.3-25</b> - Participação dos Setores na Formação do PIB de 2012.	918/1490
<b>Figura II.5.3-26</b> - Participação preponderante do Setor Terciário em Economias da AE - 2012.	919/1490
<b>Figura II.5.3-27</b> - Participação preponderante do Setor Secundário em Economias da AE - 2012.	920/1490
<b>Figura II.5.3-28</b> - Participação da Pecuária Regional no Cenário Nacional - 2013.	923/1490
<b>Figura II.5.3-29</b> - Distribuição das Empresas do Setor Industrial da AE - 2013.	924/1490
<b>Figura II.5.3-30</b> - Participação das Unidades Extrativistas da AE no Cenário Nacional - 2013.	925/1490
<b>Figura II.5.3-31</b> - Distribuição de Unidades de Extração de P&G na AE - 2013.	925/1490
<b>Figura II.5.3-32</b> - Distribuição de Unidades de Apoio a Extração de Minerais - 2013.	926/1490
<b>Figura II.5.3-33</b> - Evolução do PIB a Preços Constantes entre os anos 2008 e 2012.	927/1490
<b>Figura II.5.3-34</b> - Maiores Taxas de Crescimento do PIB Industrial entre 2008 e 2012 na AE.	927/1490
<b>Figura II.5.3-35</b> - Taxas de Crescimento do PIB do Setor Terciário entre 2008 e 2012*.	933/1490
<b>Figura II.5.3-36</b> - Municípios com Taxas de Crescimento do PIB do Setor Terciário Superior a Média da AE entre 2008 e 2012.	934/1490
<b>Figura II.5.3-37</b> - Remuneração da População na Área de Estudo na Mesorregião Centro Espírito Santense.	949/1490
<b>Figura II.5.3-38</b> - Remuneração da População na Área de Estudo na Mesorregião Sul Espírito Santense.	950/1490

<b>Figura II.5.3-39</b> - Remuneração da População na Área de Estudo na Mesorregião Norte Fluminense.	951/1490
<b>Figura II.5.3-40</b> - Remuneração da População na Área de Estudo na Mesorregião Baixadas Litorâneas.	951/1490
<b>Figura II.5.3-41</b> - Remuneração da População na Área de Estudo na Mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro.	952/1490
<b>Figura II.5.3-42</b> - Empregos Diretos Gerados pela Indústria Brasileira de Petróleo e Gás.	965/1490
<b>Figura II.5.3-43</b> - Nível de Escolaridade dos Profissionais na Fase de Instalação.	966/1490
<b>Figura II.5.3-44</b> - Nível de Escolaridade dos Profissionais na Fase de Operação.	967/1490
<b>Figura II.5.3-45</b> - Abastecimento de água dos municípios da AE no estado do Espírito Santo. 2010.	1010/1490
<b>Figura II.5.3-46</b> - Abastecimento de água dos municípios da AE da Mesorregião Central Espírito-Santense. 2010.	1010/1490
<b>Figura II.5.3-47</b> - Abastecimento de água dos municípios da AE da Mesorregião Sul Espírito-Santense. 2010.	1011/1490
<b>Figura II.5.3-48</b> - Abastecimento de água dos municípios da AE no estado do Rio de Janeiro. 2010.	1012/1490
<b>Figura II.5.3-49</b> - Abastecimento de água dos municípios da AE da Mesorregião Norte Fluminense. 2010.	1013/1490
<b>Figura II.5.3-50</b> - Abastecimento de água dos municípios da AE da Mesorregião Baixada Litorânea. 2010.	1014/1490
<b>Figura II.5.3-51</b> - Abastecimento de água dos municípios da AE da Mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro. 2010.	1014/1490
<b>Figura II.5.3-52</b> - Distribuição das formas de esgotamento sanitário para os municípios da AE no estado do Espírito Santo. 2010.	1018/1490
<b>Figura II.5.3-53</b> - Distribuição das formas de esgotamento sanitário dos municípios da Mesorregião Centro Espírito-Santense. 2010.	1019/1490
<b>Figura II.5.3-54</b> - Distribuição das formas de esgotamento sanitário dos municípios da mesorregião Sul Espírito-Santense. 2010.	1020/1490
<b>Figura II.5.3-55</b> - Distribuição das formas de esgotamento sanitário para os municípios da AE no estado do Rio de Janeiro. 2010.	1022/1490
<b>Figura II.5.3-56</b> - Distribuição das formas de esgotamento sanitário dos municípios da AE na mesorregião Norte Fluminense. 2010.	1023/1490
<b>Figura II.5.3-57</b> - Distribuição das formas de esgotamento sanitário dos municípios da AE na mesorregião Baixada Litorânea. 2010.	1024/1490

<b>Figura II.5.3-58</b> - Distribuição das formas de esgotamento sanitário dos municípios da AE na mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro. 2010.	1025/1490
<b>Figura II.5.3-59</b> - Destinação de resíduos dos municípios da AE na Mesorregião Central Espírito-Santo.	1030/1490
<b>Figura II.5.3-60</b> - Destinação de resíduos dos municípios da Mesorregião Sul Espírito-Santense. 2010.	1031/1490
<b>Figura II.5.3-61</b> - Destinação de resíduos dos municípios da AE no estado do Rio de Janeiro. 2010.	1032/1490
<b>Figura II.5.3-62</b> - Destinação de resíduos dos municípios da AE na Mesorregião Norte Fluminense. 2010.	1033/1490
<b>Figura II.5.3-63</b> - Destinação de resíduos dos municípios da Mesorregião da Baixada Litorânea. 2010.	1033/1490
<b>Figura II.5.3-64</b> - Destinação de resíduos dos municípios da Mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro. 2010.	1034/1490
<b>Figura II.5.3-65</b> - CTR Macaé.	1070/1490
<b>Figura II.5.3-66</b> - CTV A Macaé.	1071/1490
<b>Figura II.5.3-67</b> - Produção em toneladas ano dos estados do Sudeste.	1104/1490
<b>Figura II.5.3-68</b> - Píer do porto do Suá.	1106/1490
<b>Figura II.5.3-69</b> - Quantidade embarcações monitoradas no municípios de Vitória e sua tipologia.	1108/1490
<b>Figura II.5.3-70</b> - Principais espécies desembarcadas entre junho de 2011 e junho de 2012.	1109/1490
<b>Figura II.5.3-71</b> - Número de embarcações por tipologia cadastrada por comunidade e total no município de Vila Velha.	1117/1490
<b>Figura II.5.3-72</b> - Produção pesqueira por tipo de artefato de pesca no município de Vila Velha.	1118/1490
<b>Figura II.5.3-73</b> - Produção das principais espécies capturadas por localidade monitorada no município de Vila Velha.	1120/1490
<b>Figura II.5.3-74</b> - Número de embarcações por tipologia cadastrada por comunidade e total no município de Guarapari.	1128/1490
<b>Figura II.5.3-75</b> - Frequência de uso dos tipos de artefatos de pesca na atividade pesqueira no município de Guarapari.	1130/1490
<b>Figura II.5.3-76</b> - Produção das principais espécies capturadas por localidade monitorada no município de Guarapari.	1131/1490
<b>Figura II.5.3-77</b> - Número de embarcações por tipologia cadastrada por comunidade e total no município de Piúma.	1140/1490
<b>Figura II.5.3-78</b> - Produção pesqueira por tipo de artefato de pesca na atividade pesqueira no município de Piúma.	1140/1490

<b>Figura II.5.3-79</b> - Produção das principais espécies capturadas no município de Piúma.	1141/1490
<b>Figura II.5.3-80</b> - Embarcações ancoradas no Porto de Itaipava, Itapemirim/ES.	1148/1490
<b>Figura II.5.3-81</b> - Número de embarcações por tipologia cadastrada por comunidade monitorada e total no município de Itapemirim.	1149/1490
<b>Figura II.5.3-82</b> - Produção pesqueira por tipo de artefato de pesca na atividade pesqueira no município de Itapemirim.	1150/1490
<b>Figura II.5.3-83</b> - Produção das principais espécies capturadas no município de Itapemirim.	1151/1490
<b>Figura II.5.3-84</b> - Embarcações na localidade de Pontal da Barra, Marataízes/ES.	1158/1490
<b>Figura II.5.3-85</b> - Número de embarcações por tipologia cadastrada por comunidade e total no município de Marataízes (BSM - barco sem motor, BSP - barco sem casaria pequeno, BCP - barco com casaria pequeno, BCM - barco com casaria médio e BCG - barco com casaria grande).	1159/1490
<b>Figura II.5.3-86</b> - Produção pesqueira por tipo de artefato de pesca na atividade pesqueira no município de Marataízes.	1160/1490
<b>Figura II.5.3-87</b> - Produção das principais espécies capturadas por localidade monitorada no município de Marataízes.	1161/1490
<b>Figura II.5.3-88</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de São Francisco de Itabapoana, de acordo com os pescadores entrevistados.	1173/1490
<b>Figura II.5.3-89</b> - Gargaú: A. Cais; B. Triagem do camarão; C. Limpeza do camarão.	1175/1490
<b>Figura II.5.3-90</b> - Principais tipologias de embarcações utilizadas pelos pescadores de São Francisco de Itabapoana, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1177/1490
<b>Figura II.5.3-91</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de São Francisco de Itabapoana, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1178/1490
<b>Figura II.5.3-92</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de São Francisco de Itabapoana, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1179/1490
<b>Figura II.5.3-93</b> - Principais espécies pescadas no município de São Francisco de Itabapoana, entre 2010 e 2013, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1180/1490
<b>Figura II.5.3-94</b> - Pontos de desembarque de São João da Barra. <b>A.</b> Embarcações no porto SEAB; <b>B.</b> Cais, onde há o maior número de desembarques.	1191/1490

<b>Figura II.5.3-95</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de São João da Barra durante a realização da pesquisa socioeconômica.	1195/1490
<b>Figura II.5.3-96</b> - Principais tipologias de embarcações utilizadas pelos pescadores de São João da Barra, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1196/1490
<b>Figura II.5.3-97</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de São João da Barra, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1198/1490
<b>Figura II.5.3-98</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de São João da Barra, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1199/1490
<b>Figura II.5.3-99</b> - Principais espécies pescadas no município de São João da Barra, entre 2010 e 2013, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1200/1490
<b>Figura II.5.3-100</b> - Desembarque de camarão no distrito de Farol de São Tomé.	1209/1490
<b>Figura II.5.3-101</b> - Ponto de desembarque de pescado no Farol de São Tomé.	1210/1490
<b>Figura II.5.3-102</b> - Embarcações no ponto de desembarque de pescado no Farol de São Tomé.	1211/1490
<b>Figura II.5.3-103</b> - Embarcação empurrada para o mar com auxílio de tratores no Farol de São Tomé.	1211/1490
<b>Figura II.5.3-104</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Campos dos Goytacazes durante a realização da pesquisa socioeconômica.	1215/1490
<b>Figura II.5.3-105</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de Campos dos Goytacazes, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1217/1490
<b>Figura II.5.3-106</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de Campos dos Goytacazes, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1218/1490
<b>Figura II.5.3-107</b> - Principais espécies pescadas no município de Campos dos Goytacazes, entre 2010 e 2013, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1219/1490
<b>Figuras II.5.3-108</b> - Região do Canal das Flechas, no município de Quissamã.	1227/1490
<b>Figura II.5.3-109</b> - Distribuição percentual das artes de pesca utilizadas em Quissamã.	1228/1490
<b>Figura II.5.3-110</b> - Construção de mapa mental em Quissamã, em novembro de 2013.	1229/1490

<b>Figura II.5.3-111</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de Quissamã, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1236/1490
<b>Figura II.5.3-112</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de Quissamã, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1237/1490
<b>Figura II.5.3-113</b> - Principais espécies pescadas no município de Quissamã, entre 2010 e 2013, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1238/1490
<b>Figura II.5.3-114</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Macaé durante a realização da pesquisa socioeconômica.	1248/1490
<b>Figura II.5.3-115</b> - Embarcações em horário de desembarque em Macaé/RJ.	1249/1490
<b>Figura II.5.3-116</b> - Principais tipologias de embarcações utilizadas pelos pescadores de Macaé, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1250/1490
<b>Figura II.5.3-117</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de Macaé, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1251/1490
<b>Figura II.5.3-118</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de Macaé, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1252/1490
<b>Figura II.5.3-119</b> - Principais espécies pescadas no município de Macaé, entre 2010 e 2013, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro).	1253/1490
<b>Figura II.5.3-120</b> - Embarcações em Rio das Ostras.	1259/1490
<b>Figura II.5.3-121</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Rio das Ostras durante a realização da pesquisa socioeconômica.	1262/1490
<b>Figura II.5.3-122</b> - Principais tipologias de embarcações utilizadas pelos pescadores de Rio das Ostras, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1264/1490
<b>Figura II.5.3-123</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de Rio das Ostras, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1265/1490
<b>Figura II.5.3-124</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de Rio das Ostras, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1266/1490
<b>Figura II.5.3-125</b> - Principais espécies pescadas no município de Rio das Ostras, entre 2010 e 2013, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1267/1490
<b>Figura II.5.3-126</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Cabo Frio durante a realização da pesquisa socioeconômica.	1277/1490

<b>Figura II.5.3-127</b> - Principais tipologias de embarcações utilizadas pelos pescadores de Cabo Frio, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1279/1490
<b>Figura II.5.3-128</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de Cabo Frio, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1280/1490
<b>Figura II.5.3-129</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de Cabo Frio, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1281/1490
<b>Figura II.5.3-130</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Búzios durante a realização da pesquisa socioeconômica.	1290/1490
<b>Figura II.5.3-131</b> - Principais tipologias de embarcações utilizadas pelos pescadores de Búzios, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro, 2011.	1291/1490
<b>Figura II.5.3-132</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de Búzios, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1293/1490
<b>Figura II.5.3-133</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de Búzios, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1294/1490
<b>Figura II.5.3-134</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Arraial do Cabo durante a realização da pesquisa socioeconômica.	1306/1490
<b>Figura II.5.3-135</b> - Principais tipologias de embarcações utilizadas pelos pescadores de Arraial do Cabo, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1308/1490
<b>Figura II.5.3-136</b> - Participação das artes de pesca na produção desembarcada pelos pescadores de Arraial do Cabo, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1309/1490
<b>Figura II.5.3-137</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de Arraial do Cabo, de acordo com o monitoramento do desembarque pesqueiro.	1318/1490
<b>Figura II.5.3-139</b> - Relação percentual de captura dos principais pescados de Saquarema.	1319/1490
<b>Figura II.5.3-140</b> - Formas de comercialização do pescado representada em percentual.	1320/1490
<b>Figura II.5.3-141</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Maricá.	1328/1490
<b>Figura II.5.3-142</b> - Principais espécies capturadas pelos pescadores de Maricá.	1329/1490
<b>Figura II.5.3-143</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Niterói durante a realização da pesquisa socioeconômica.	1336/1490

<b>Figura II.5.3-144</b> - Principais espécies pescadas pelos pescadores de Niterói.	1337/1490
<b>Figura II.5.3-145</b> - Destinação do pescado desembarcado em Niterói.	1338/1490
<b>Figura II.5.3-146</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de São Gonçalo.	1346/1490
<b>Figura II.5.3-147</b> - Destinação do pescado desembarcado em São Gonçalo.	1347/1490
<b>Figura II.5.3-148</b> - Composição de desembarque em São Gonçalo.	1348/1490
<b>Figura II.5.3-149</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Itaboraí.	1356/1490
<b>Figura II.5.3-150</b> - Composição dos principais pescados nos desembarques de Itaboraí.	1357/1490
<b>Figura II.5.3-151</b> - Composição percentual da destinação do pescado em Itaboraí.	1358/1490
<b>Figura II.5.3-152</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Magé.	1367/1490
<b>Figura II.5.3-153</b> - Principais pescados desembarcados em Magé.	1368/1490
<b>Figura II.5.3-154</b> - Destinação do pescado capturado em Magé.	1369/1490
<b>Figura II.5.3-155</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores de Duque de Caxias.	1376/1490
<b>Figura II.5.3-156</b> - Principais pescados capturados em Duque de Caxias.	1377/1490
<b>Figura II.5.3-157</b> - Destinação do pesca em Duque de Caxias.	1378/1490
<b>Figura II.5.3-158</b> - Principais artes de pesca utilizadas pelos pescadores do Rio de Janeiro.	1387/1490
<b>Figura II.5.3-159</b> - Principais recursos pesqueiros desembarcados nas comunidades pesqueiras do Rio de Janeiro.	1388/1490
<b>Figura II.5.3-160</b> - Destinação do pescado desembarcado nas comunidade pesqueiras do Rio de Janeiro (FIPERJ/PETROBRAS, 2015).	1389/1490
<b>Figura II.5.3-161</b> - Embarcação da frota permissionada para a captura de atuns e afins.	1409/1490
<b>Figura II.5.3-162</b> - Densidade de pesca da frota permissionada que utiliza o petrecho de espinhel horizontal de superfície para captura de atuns e afins em 2010.	1410/1490
<b>Figura II.5.3-163</b> - Número de embarcações permissionadas para a pesca de espinhel horizontal de superfície, por município, com arqueação bruta maior ou igual a 50 AB.	1414/1490
<b>Figura II.5.3-164</b> - Embarcação da frota permissionada para a captura de vara com isca-viva.	1415/1490

<b>Figura II.5.3-165</b> - Densidade de pesca da frota que utiliza o petrecho de vara com isca-viva para a captura do bonito-listrado na Região Sul/Sudeste em 2010.	1416/1490
<b>Figura II.5.3-166</b> - Número de embarcações permissionadas para a pesca com vara e isca-viva, por município, com arqueação bruta maior ou igual a 50 AB.	1418/1490
<b>Figura II.5.3-167</b> - Embarcação da frota permissionada para a captura de emalhe de fundo.	1421/1490
<b>Figura II.5.3-168</b> - Densidade de pesca da frota que utiliza o petrecho emalhe de fundo na região sul/sudeste em 2010.	1423/1490
<b>Figura II.5.3-169</b> - Número de embarcações permissionadas para a pesca de emalhe de fundo, por município, com arqueação bruta maior ou igual a 50 AB.	1424/1490
<b>Figura II.5.3-170</b> - Embarcação da frota permissionada para a captura de arrasto duplo.	1427/1490
<b>Figura II.5.3-171</b> - Densidade de pesca da frota que utiliza o petrecho arrasto duplo para a captura do camarão-rosa na região sul/sudeste em 2010.	1428/1490
<b>Figura II.5.3-172</b> - Número de embarcações permissionadas para a frota de arrasto duplo de fundo, por município, com arqueação bruta maior ou igual a 50 AB.	1432/1490
<b>Figura II.5.3-173</b> - Embarcação da frota permissionada para a captura de cerco.	1433/1490
<b>Figura II.5.3-174</b> - Densidade de pesca da frota que utiliza o petrecho rede de cerco para a captura da sardinha-verdadeira na região sul/sudeste em 2010.	1434/1490
<b>Figura II.5.3-175</b> - Número de embarcações permissionadas para a pesca de cerco, por município, com arqueação bruta maior ou igual a 50 AB.	1437/1490
<b>Figura II.5.3-176</b> - Petrechos utilizados pela frota de armadilha. Covos (A) e Potes (B).	1438/1490
<b>Figura II.5.3-177</b> - Densidade de pesca da frota que utiliza o petrecho potes para a captura de polvo na região Sudeste, em 2010.	1439/1490
<b>Figura II.5.3-178</b> - Número de embarcações permissionadas para a pesca de armadilha, por município, com arqueação bruta maior ou igual a 50 AB.	1443/1490
<b>Figura II.5.3-179</b> - Petrecho utilizado pela frota de arrasto simples em Bombinhas - Santa Catarina.	1444/1490
<b>Figura II.5.3-180</b> - Densidade de pesca da frota que utiliza o petrecho arrasto simples na região sul/sudeste em 2010.	1445/1490

<b>Figura II.5.3-181</b> - Número de embarcações permissionadas para a pesca de arrasto simples, por município, com arqueação bruta maior ou igual a 37 AB.	1449/1490
<b>Figura II.5.4.1-1</b> - Esquema simplificado das principais inter-relações entre os fatores ambientais do contexto regional da Área de Desenvolvimento da Produção do Campo de Tartaruga Verde.	1455/1490
<b>Figura II.6.1.4-1</b> - Representação esquemática dos procedimentos metodológicos da etapa de identificação dos impactos potenciais.	191/260
<b>Figura II.6.1.4-2</b> - Esquema dos processos físicos, químicos e biológicos decorrentes da interação do óleo derramado no oceano.	198/260
<b>Figura II.6.1-1</b> - Procedimentos para desenvolvimento de uma avaliação de impacto ambiental (adaptado de MORRIS & THERIVEL, 2009).	2/260
<b>Figura II.6.1.1-1</b> - Fluxograma do processo de interesse ambiental do Desenvolvimento da Produção do Campo de Tartaruga Verde.	13/260
<b>Figura II.6.1.4-3</b> - Contornos de probabilidade de óleo na água para um acidente ocorrendo durante o Desenvolvimento da Produção do Campo de Tartaruga Verde, Bacia de Campos, durante os meses de janeiro a junho, com derrame de 350.000,0 m <sup>3</sup> (ao longo de 24 horas), após 31 dias de simulação.	206/260
<b>Figura II.6.1.4-4</b> - Contornos de probabilidade de óleo na água para um acidente ocorrendo durante o Desenvolvimento da Produção dos Campos de Tartaruga Verde, Bacia de Campos, durante os meses de julho a dezembro, com derrame de 350.000,0 m <sup>3</sup> (ao longo de 24 horas), após 31 dias de simulação.	208/260
<b>Figura 9-1</b> - Esquema simplificado da relação entre as informações utilizadas para a elaboração do prognóstico ambiental da atividade.	2/21
<b>Figura II.10.1-1</b> - Figura ilustrativa do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	4/260
<b>Figura II.10.1-2</b> - Ilustração de lançador e receptor de pigs.	7/260
<b>Figura II.10.1-3</b> - FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes e instalações submarinas associadas.	9/260
<b>Figura II.10.1-4</b> - Diagrama esquemático simplificado do processo de separação e tratamento de óleo, gás e água produzida no FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes.	11/260
<b>Figura II.10.1-5</b> - Ilustração da operação de offloading.	14/260
<b>Figura II.10.2.1.1-1</b> - Distribuição das Causas Iniciadoras de acidentes em dutos offshore de transporte de produtos líquidos perigosos. Período: 1995-2014.	24/260
<b>Figura II.10.2.1.2.2-1</b> - Distribuição do N° de Acidentes por Diâmetro em dutos flexíveis. Período: 2001-2012.	34/260

<b>Figura II.10.2.1.3-1</b> - Distribuição da Frequência de Vazamento (oc./ano) por dimensão do vazamento para FPSOs.	46/260
<b>Figura II.10.2.1.4-1</b> - Comparação entre os Percentuais de Ocorrência e os Percentuais de Volumes Vazados.	47/260
<b>Figura II.10.2.1.4-2</b> - Taxa de Vazamento para volume vazado igual ou superior a 1.000 barris (159 m <sup>3</sup> ).	48/260
<b>Figura II.10.2.1.4-3</b> - Taxa de Vazamento para volume vazado igual ou superior a 1.000 barris (159 m <sup>3</sup> ).	49/260
<b>Figura II.10.2.1.7-1</b> - Taxa de Vazamento para volume vazado igual ou superior a 1.000 barris (159 m <sup>3</sup> ).	62/260
<b>Figura II.10.2.1.7-2</b> - Distribuição dos Tipos de Acidentes.	62/260
<b>Figura II.10.2.1.7-3</b> - Comparação entre a extensão dos Blowouts.	66/260
<b>Figura II.10.2.1.7-4</b> - Distribuição de Acidentes por Tipo de Produto Químico.	67/260
<b>Figura II.10.2.2-1</b> - Volume médio (m <sup>3</sup> ) por ocorrência.	81/260
<b>Figura II.10.2.2-2</b> - Volume médio por ocorrência, com e sem eventos mais significativos.	81/260
<b>Figura II.10.2.2-3</b> - Volume derramado no mar (m <sup>3</sup> ) e curva de tendência.	83/260
<b>Figura II.10.3.2-1</b> - Arranjo ilustrativo para o Desenvolvimento da Produção do Campo de Tartaruga Verde – Bacia de Campos.	92/260
<b>Figura II.10.3.3-1</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 2.	101/260
<b>Figura II.10.3.3-2</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 3.	102/260
<b>Figura II.10.3.3-3</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 4.	104/260
<b>Figura II.10.3.3-4</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 5.	106/260
<b>Figura II.10.3.3-5</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 6.	107/260
<b>Figura II.10.3.3-6</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 9.	109/260
<b>Figura II.10.3.3-7</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 11.	110/260
<b>Figura II.10.3.3-8</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 13.	112/260
<b>Figura II.10.3.3-9</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 14.	113/260
<b>Figura II.10.3.3-10</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 15.	115/260
<b>Figura II.10.3.3-11</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 18.	116/260
<b>Figura II.10.3.3-12</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 22.	118/260
<b>Figura II.10.3.3-13</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 23.	119/260
<b>Figura II.10.3.3-14</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 28.	120/260
<b>Figura II.10.3.3-15</b> - Árvore de Falhas da Hipótese Acidental 29.	121/260
<b>Figura II.10.4.1-1</b> - Cenário TARTARUGA_JFMAMJ_8_30D. Simulações de transporte e dispersão de óleo com derrame de 8,0 m <sup>3</sup> (instantâneo), após 30 dias de simulação, durante os meses de janeiro a junho: a) Probabilidade de presença de óleo na água; b) Tempo de deslocamento do óleo na água; c) Probabilidade de presença de óleo na costa; d) Massa máxima de óleo na costa.	128/260

<p><b>Figura II.10.4.1-3</b> - Cenário TARTARUGA_JFMAMJ_200_30D. Simulações de transporte e dispersão de óleo com derrame de 200,0 m<sup>3</sup> (instantâneo), após 30 dias de simulação, durante os meses de janeiro a junho: a) Probabilidade de presença de óleo na água; b) Tempo de deslocamento do óleo na água; c) Probabilidade de presença de óleo na costa; d) Massa máxima de óleo na costa.</p>	130/260
<p><b>Figura II.10.4.1-4</b> - Cenário TARTARUGA_JASOND_200_30D. Simulações de transporte e dispersão de óleo com derrame de 200,0 m<sup>3</sup> (instantâneo), após 30 dias de simulação, durante os meses de julho a dezembro: a) Probabilidade de presença de óleo na água; b) Tempo de deslocamento do óleo na água; c) Probabilidade de presença de óleo na costa; d) Massa máxima de óleo na costa.</p>	131/260
<p><b>Figura II.10.4.1-5</b> - Cenário TARTARUGA_JFMAMJ_PC_60D. Simulações de transporte e dispersão de óleo com derrame de 350.000 m<sup>3</sup>, após 30 dias de simulação, durante os meses de janeiro a junho: a) Probabilidade de presença de óleo na água; b) Tempo de deslocamento do óleo na água; c) Probabilidade de presença de óleo na costa; d) Massa máxima de óleo na costa.</p>	132/260
<p><b>Figura II.10.4.1-6</b> - Cenário TARTARUGA_JASOND_PC_60D. Simulações de transporte e dispersão de óleo com derrame de 350.000 m<sup>3</sup>, após 30 dias de simulação, durante os meses de julho a dezembro: a) Probabilidade de presença de óleo na água; b) Tempo de deslocamento do óleo na água; c) Probabilidade de presença de óleo na costa; d) Massa máxima de óleo na costa.</p>	133/260
<p><b>Figura II.10.6.1-1</b> - Esquemático do Critério de Significância.</p>	226/260
<p><b>Figura II.10.6.2-1</b> - Índice de Significância do CVA Mamíferos Marinhos - Pequenos Cetáceos por faixa de volume de óleo vazado na Fase de Operação.</p>	232/260